

ETERNIDADE HUMANA

Márcio Catunda

PÁGINA DE CRÉDITOS

ETERNIDADE HUMANA

Márcio Catunda



Aos amigos:

Cairo Trindade,

Ricardo Alfaya,

Vianney Mesquita e

Marcus Vinicius Quiroga.

SUMÁRIO

Prefácio – Gilberto Mendonça Teles	11
Mnemosine , a deusa da memória	21
Tirésias , o vidente de Tebas	23
Cassandra , princesa e profetisa	25
Teseu e sua mais sublime proeza de	27
Orfeu , o citaredo trácio	29
Ulisses , Rei de Ítaca e seu Diário de Navegação	31
Hermes Trismegisto , instrutor dos escribas e dos alquimistas	34
Akhenaton , o faraó poeta	35
Salomão , o rei da sabedoria	36
Homero e sua sagração (segundo Nicolas Poussin)	38
Lao Tsé , mestre do taoismo	40
Ashtavakra Gita , o guru	42
Sócrates e sua coerência	43
Sidarta Gautama , o iluminado	45
Chuang Tsé , o sublime taoista	47
Patanjali , o iogue sankhya	49
Horácio , poeta dos bosques sabinos	50

<i>Jesus</i> , o mais perfeito dos homens	52
<i>Sêneca</i> , o estoico	56
<i>Bodhidharma</i> e sua instrução	58
<i>Santa Luzia</i> , a devota	59
<i>Li Po</i> , o viajante	61
<i>Shânkara</i> , intérprete do vedanta	63
<i>Mansur Al-Hallaj</i> , poeta martirizado	64
<i>Ibn Arabi</i> medita a respeito do amor	68
<i>Francisco de Assis</i> , o contemplador das coisas do céu	69
<i>Rumi</i> , o dervixe	71
<i>Jacques de Molay</i> , cavaleiro-monge	73
<i>Dante Alighieri</i> , poeta enciclopédico	76
<i>François Villon</i> e suas desventuras	79
<i>Cristóbal Colón</i> , el almirante visionario	80
<i>Ticiano</i> , um frêmito de cintilações	84
<i>Aretino</i> , o zombeteiro	86
<i>Leonardo da Vinci</i> , paladino da ciência e das artes	87
<i>Miguel Ângelo</i> , o prodigioso	92
<i>Paracelso</i> e sua aula inaugural	96
<i>Veronese</i> , a suave claridade	98
<i>Teresa de Ávila</i> , <i>la mística doctora</i>	99
<i>Tintoretto</i> , o místico	101
<i>El Greco</i> , pintor maldito	103

<i>Luís Vaz de Camões</i> , herói e poeta	106
<i>Juan de La Cruz</i> , el santo enamorado	109
<i>Cervantes</i> , el ingenioso hidalgo	111
<i>Galileu</i> e o coração do universo	114
<i>Espinosa</i> e o infinito das coisas infinitas	115
<i>Giordano Bruno</i> , mártir da liberdade de pensamento	116
<i>Caravaggio</i> , devasso e religioso	120
<i>Robert Fludd</i> , terapeuta holístico	121
<i>Matsuo Bashô</i> , o peregrino mestre do haikai	123
<i>Gregório de Matos</i> , o boca do inferno	125
<i>Vivaldi</i> , o orfeu de Veneza	126
<i>Giacomo Casanova</i> , o fescenino	129
<i>Johann Sebastian Bach</i> e seus prodígios musicais	130
<i>Mozart</i> , exorcista das atmosferas ressonantes	132
<i>Bocage</i>	135
<i>Holderlin</i>	136
<i>Goethe</i>	137
<i>Beethoven</i> , o oráculo da música	138
<i>Allan Kardec</i> , o codificador do espiritismo	141
<i>Nerval</i> , poeta itinerante	143
<i>Balzac</i>	146
<i>Baudelaire</i> , coração abissal	147
<i>Castro Alves</i> , o poeta da liberdade	150

<i>Dostoiévski</i>	156
<i>Ramakrishna</i> e sua iniciação	157
<i>Cruz e Sousa</i> , O cisne negro	159
<i>Rabindranath Tagore</i> , poeta brâmane	162
<i>Vincent Van Gogh</i>	164
<i>Gandhi</i> , o asceta revolucionário	165
<i>Ramana Maharshi</i> , o santo sábio de arunachala	168
<i>Augusto dos Anjos</i> , o sublime pessimista	170
<i>Franz Kafka</i>	172
<i>Fernando Pessoa</i> no altar da palavra	173
<i>Yogananda</i> , o iluminado	175
<i>Virginia Woolf</i> , a desesperada	177
<i>Antonin Artaud</i>	179
<i>Federico García Lorca</i> e su recuerdo	180
<i>José Gabriel da Costa</i> , o santo da amazônia	182
<i>Jorge Luis Borges</i> , visionário do tempo	187
<i>Vinicius de Moraes</i> e sua euforia amorosa	190
<i>Madre Teresa</i> , missionária da caridade	194
<i>Miguel Hernández</i> , <i>Reo de Muerte</i>	199

PREFÁCIO

A ETERNIDADE HUMANA, DE MÁRCIO CATUNDA

Gilberto Mendonça Teles

No momento da grande agitação das vanguardas europeias na literatura do início século XX, em meio à primeira guerra mundial, quando as novas formas e os “novos” temas dialogavam com a tradição literária, o grande estudioso da estética na Itália, BENEDETTO CROCE, teve a ideia audaciosa de escrever sobre “A Poesia, a Não-Poesia e a Antipoesia”, num ensaio publicado em 1923 e reeditado no volume *La poesia* (Bari, 1945). É esse texto, que transcrevemos em *Defesa da poesia* (Editora do Senado, v.II, 2018), e do qual extraímos para este estudo uma de suas conclusões. A de mostrar como a Poesia (com P maiúsculo), a par de suas produções essencialmente poéticas, teve os seus instantes de “Não-Poesia” e de “Antipoesia”, embora tudo lido como “poesia” na efervescência líquida do novo século. Croce parte da noção tradicional de Poesia para comprovar como as tentativas de representá-la

como gênero no sentido do *kalós* (kai) *agathós* [o belo (e) o bom], segundo a velha fórmula de Heródoto, lançaram-se às mais diferentes experimentações de linguagem, criando-se formas que se queriam novas, mas não eram poéticas para a geração dominante que as sentia mais próximas da antítese de tudo o que sempre se quis como Poesia. Daí a sua conclusão:

A própria vida do indivíduo nos mostra isto: as crianças têm muito mais imaginação que fantasia, os jovens mais paixão e curiosidade, e por isso amam de preferência as obras passionais, comoventes, excitantes ou mesmo conceituosas e paradoxais. Assim, frequentemente ocorre que essas coisas sejam consideradas poesia, pois somente com a experiência e o amadurecimento do gosto conquista-se o seu sentido delicado e austero. A passagem dantesca do Inferno, onde nas trevas e entre as chamas ardem as paixões, para o “dolce color d’oriental zaffiro” do Purgatório, poderia representar simbolicamente este progresso.

Pouco tempo depois, passada a confusão dos inúmeros manifestos da vanguarda na Europa, Paul Valéry escreveu em 1935 (Cf. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro, p. 54, 20ª edição, 2012) que depois de quase 45 anos, “vi a Poesia sofrer muitos atentados, ser submetida a experiências da mais extrema diversidade, tentar caminhos desconhecidos, voltar

às vezes a certas tradições” [...]. Durante o último meio século, uma sucessão de fórmulas ou de modos poéticos foram pronunciados, desde o tipo estrito e facilmente definível do *Parnaso* até as produções mais dissolutas e as tentativas mais verdadeiramente livres.

Aí está a bela síntese crítica de um dos maiores conhecedores da Poesia (com P maiúsculo, como escreveu) nas três primeiras décadas do século XX, período em que os escritores se viam emparedados entre o novo e o velho, entre a vanguarda e a tradição literária.

Houve poetas e poetisas que se engajaram radical e saudosista na tradição literária, seguindo-a servilmente e quase nada acrescentaram ao valor da poesia; houve os que procuraram modificar essa tradição por dentro, transformando-a e produzindo a melhor poesia da modernidade brasileira; e houve ainda os que desejaram modificá-la por fora, propagando ideias de uma vanguarda especial para a Europa, imediatamente trazida para o Brasil e para todo o continente latino-americano. Muitos, no entanto, conseguiram o seu quinhão de “modernidade”.

O problema é que a crítica da época não estava atualizada e preparada para acompanhar a transformação do discurso poético, de maneira que, perplexa, foi aceitando os

movimentos sem compreendê-los nem julgá-los adequadamente, deixando-se levar por um impressionismo cultural inofensivo e maniqueísta, como se pode ver na série de entrevistas que Peregrino Junior fez em 1926 com membros da Academia Brasileira de Letras. Despreparados, alguns acadêmicos (quatro anos depois da Semana de Arte Moderna) assim reagiram a uma das perguntas do inquérito do futuro acadêmico Peregrino Junior sobre que achavam do futurismo: Coelho Neto: “Nós temos a mania de correr acompanhando os que passam. Isso é próprio de crianças, que gostam de traseiras de carros”; João Ribeiro: “É um movimento efêmero, que há de passar como todos os outros”; Medeiros e Albuquerque: Seja, porém, como for o que os nossos futuristas acharam de mais futuro foi tomar como bíblia teses já pregadas há mais de vinte anos. É um futuro, que está no passado. [...] e diz ainda que o futurismo não existe...Para citar-lhe, em uma fórmula passadissimamente passadista a minha opinião, dou-a em latim macarrônico: *mortus est pintus in casca*; Gustavo Barroso – “Ora, meu caro, ainda se fala em futurismo? O futurismo é uma pilhéria e de gosto não muito fino.”

Curiosa é a atitude do Conde Afonso Celso. Tido como reacionário por causa de seu famoso livro (Porque me ufano de meu país), é o único dos dez acadêmicos ouvidos na

entrevista que responde de maneira esperançosa: Conde Afonso Celso; “ – Muito bem. Acho que esse movimento existe, e é bastante auspicioso. [...] Creio, sim. É exato que nele predominam apenas, por ora, boa vontade e boas intenções. Mas se a boa vontade e as boas intenções, muito valiosas, em moral e em religião são somenos, em literatura, em todo caso, merece aplausos e animação, como revelação de vitalidade e desejo de inovar e melhorar.

A semelhança do pensamento de Croce com o de Valéry me veio com a leitura dos novíssimos originais de MÁRCIO CATUNDA (1957) – *A Eternidade humana*, ainda inédita, onde volta à tona o tema clássico dos heróis. As duas citações têm o propósito de situar primeiro o contexto literário que, em forma de “modernismo” ou de “pós-modernismo”, ou de “modernidade” se prolonga até os nossos dias, quando os escritores se encontram desiludidos com os “novos” movimentos de vanguarda e se veem às voltas com uma modernidade plural, ainda líquida e motivadora de maior liberdade expressiva, a qual, no entanto, só não é discutida pela falta de sentido crítico e pelo corporativismo dos suplementos literários que ainda teimam em existir.

Esta liberdade (ou liberalidade) na linguagem poética se deixa documentar na maioria das obras literárias de hoje e

atinge todos os gêneros, deixando-se ver melhor na poesia. O conceito tradicional de “verso” quase chega a desaparecer quando se trata de temas extraídos da biografia, da história, do mito e da própria literatura, como acontece no belo livro de Márcio Catunda. A força diegética do tema parece sobre-determinar o sentido do discurso, levando-o na direção da narrativa em prosa, embora a serviço da dicção poética. A linguagem se divide assim entre a prosa e a poesia, tal como nos poemas em prosa, do século XIX (por exemplo, em *Le poème en prose*, de Baudelaire). Em *A Eternidade humana* a descrição volta à poesia, torna-se figura do poema, o qual só não se torna totalmente prosa pela falta da figura dialógica da narração no enunciado dos poemas.

Quem melhor, entre nós, compreendeu a estrutura dos poemas em prosa foi Massaud Moisés, no *Dicionário de termo literário* (São Paulo: Cultrix, 1968.). No final do verbete *Prosa* escreve que no poema em prosa se manifestam ao mesmo tempo uma força anárquica, destruidora, que conduz à negação das formas existentes, e uma força organizadora, que tende a construir um “todo” poético. [...] Os dois polos estabelecem uma contínua tensão dialética, correspondente ao embate entre a “organização artística” e a “anarquia destruidora”. [...] Ao fim da pugna, a vitória sorri à poesia. [...] O

ritmo segue uma modulação, mais atenta à sonoridade que à sintaxe, e muitas vezes os segmentos frásicos se montam com relativa simetria, que lembra a usual regularidade do verso. E o “eu” impera sobre o “não-eu”.

Tratando-se de heróis, não há como não pensar no famoso livro de Thomas Carlyle (*Os Heróis*, 1841), proveniente das sete conferências que o Autor pronunciou em Londres quatro anos antes, partindo do ponto de vista (bem platônico, aliás) de que há uma “Ideia Divina” que domina o universo visível, o qual permanece invisível para o comum dos homens, e só com um supremo esforço espiritual pode ser percebido. Esse esforço tem sido dos grandes homens, não super-homens, mas heróis nos diferentes níveis da cultura.

O livro de Márcio Catunda faz uma chamada geral dos heróis da humanidade e os reúne – não numa plataforma diacrônica nem em grupos temáticos da religião, da arte ou da literatura –, criando-se a ideia de um “caos” cultural numa leitura apressada, mas trata-se na verdade da “cosmovisão” de um grande leitor e poeta. Penso que uma ordem aleatória, proveniente talvez da continuidade de sua própria leitura, deve atravessar todo o horizonte de expectativa do livro, tanto que uma ordem possível desses poemas só pode mesmo ser estabelecida por um leitor-crítico que goste dos

temas e ame as formas livres da poesia. Vale a pena tomar alguns exemplos do seu belo livro para dizer que aí estão heróis, como: videntes (Tirésias Cassandra), míticos (Ulisses, Orfeu), religiosos (Jesus, Ashtavaksa Gita), poetas (Dante, Camões), filósofos (Sócrates, ChangeTse), músicos (Mozart, Bach, Beethoven, Vivaldi), e assim por diante numa série de sessenta nomes e cerca de três mil “versos”. Por eles ficamos sabendo que HERMES TRISMEGISTO “separou a terra do fogo / e se tornou receptáculo da Força / que dá vida aos seres / e tem o poder de tudo fazer”; que AKENATON, o faraó poeta, “Gravou nos obeliscos /o nome da majestade celestial / para ensinar aos hierofantes provincianos do Egito /a cultivar, com reverente amor filial, / a luz que clareia o mundo”; que SÓCRATES “Tomou um banho, bebeu a mortal cicuta,/deitou-se e balbuciou: / desde o dia do nascimento / a natureza condena o homem a perecer”; que SIDARTA GAUTAMA “Sem pronunciar palavra inexata,/ peregrinou, durante quarenta anos / até eliminar em si a ânsia de renascer”; que JESUS, o mais perfeito dos homens, “Disse que amar o próximo é revelar o eu desconhecido. / e Profetizou que governará o mundo, sem exércitos nem escravos; que, afinal, GARCÍA LORCA, “El defensor de los gitanos, fue un Cristo en la Granada amortajada”.

A obra poética de Márcio Catunda é uma das mais ricas da atualidade. Nela, principalmente nesta *A Eternidade Humana*, o leitor encontrará, por intermédio dos fragmentos antológicos que a representam, o sentido maior da poesia no ponto extremo das culturas do universo. A leitura prodigiosa do Autor mistura sincronia e diacronia numa só visão dos seus heróis, vendo todos eles numa tensão imaginária, onde o poeta e diplomata cearense os contempla e celebra para a satisfação de seus leitores.

Rio de Janeiro, 22 de novembro de 2017.

MNEMOSINE,
A DEUSA DA MEMÓRIA

Vem do tempo primordial dos deuses
a titânide Mnemosine, mãe das musas,
que se materializa nos aminoácidos
da constelação cerebral.

Filha de Urano e da fecunda Gaia,
é ela a fonte que jorra em Lebadeia,
em cujo manancial Hesíodo bebeu
para cantar a estirpe dos sempiternos imortais.

Senhora das colinas de Eleutério,
cujas águas curam todas as dores,
ela vem na irradiação da lua,
isenta das foices de Cronos.

Arquétipo dos códigos vitais,
desvela-se na experiência instantânea,
acendendo fragmentos cognitivos
de sua recôndita onisciência.

Adivinhadora da verdade do oráculo,
instrutora da palavra de louvor,
vence a morte com o seu milagroso intermédio.

Ressuscita o passado,
alumbra o presente e evidencia o futuro.
Plena de vibrações cósmicas positivas,
ela compõe, nas aras do ar,
a memória astral
que acumulamos em sucessivas vidas.

TIRÉSIAS,

O VIDENTE DE TEBAS

Longa vida teve, de sete gerações,
o cego adivinho de Tebas.

Tirésias subia ao Monte Citerão,
perscrutava o canto dos pássaros
e predizia a sorte dos mortais.

Para alijar da cidade a peste que matava os rebanhos,
o rei Édipo exigiu
que o conhecedor do oculto e do celeste
o ajudasse a cumprir o veredicto de Apolo.

Ignorante de sua condição de parricida,
Édipo, custasse o que custasse,
castigaria o assassino de Laio,
seu antecessor no trono de Tebas.

O vidente lamentou o dever
de anunciar ao monarca a inevitável desgraça.

Etéocles e Polinice,
os dois descendentes de Édipo,
prenderam o pai.

E, na loucura sanguinária do ódio,

travaram luta, a fogo e ferro,
até matarem um ao outro
junto à porta de Electra.
Creonte, tio dos jovens, herda o trono,
glorifica o cadáver de Etéocles,
desenterra o corpo de Polinice
e sentencia, mortalmente, a sobrinha Antígona,
que se obstinava em dar sepultamento ao irmão.
O vidente, servidor de Lóxias, recrimina Creonte
por haver pisoteado os deuses,
ao deixar cadáveres à mercê das feras.
O golpe fatal das Erínias
galopou sobre o espinhaço do déspota.
Por um infante guiado, aos adultos guiando,
sem ver, Tirésias rastreava o desconhecido.

CASSANDRA,
PRINCESA E PROFETISA

A princesa Cassandra,
a mais bela das jovens troianas,
advertiu seu galante irmão Páris,
para que não aceitasse o desafio de Éris
e se eximisse de copular com Helena,
a mulher de Menelau.

O inumerável exército argivo lançaria sobre Troia
o fogo que reduziria a cinzas todas as almas.

O efebo Páris, louro e belo,
assistido pelo branco e manso gado,
pôs no chão o escudo e o elmo,
entregando a Afrodite
o cobiçado pomo de ouro.

Deu-lhe a deusa da volúpia
a amarga luxúria de Helena.

Cassandra anteviu, no reflexo das águas,
os trágicos acontecimentos:

Heitor sangrado pela espada de Aquiles,
Páris flechado mortalmente por Filotectes

e Príamo degolado por Neoptólemo.
Advertiu, em vão, os troianos
sobre a perfídia do cavalo de madeira.
Depois de dez anos de incêndios
e gritos de desespero,
quando de Troia só restavam escombros,
a princesa avisou Agamenon, inutilmente,
que não regressasse a seu reino,
porque ali seria recebido a punhaladas.

TESEU

E SUA MAIS SUBLIME PROEZA

A mais sublime proeza de Teseu,
Príncipe de Atenas,
não foi arbitrar a paz
entre os bandoleiros tebanos e argivos,
nem acolher o desgraçado Édipo,
castigado pelo próprio destino.
Foi salvar os atenienses
das garras de tigre do monstro com cabeça de touro,
que devorava moças e rapazes atenienses.
Voluntário, entre os reféns,
com o novelo e a espada que lhe dera Ariadne,
a generosa filha do tirano de Creta,
Teseu entrou no fatídico labirinto,
golpeou, derrubou e degolou
o terrível Minotauro,
que contra ele se lançara com berros de aberração.
Três dias e três noites buscou Teseu
o novelo que, na luta, lhe escapou das mãos,
até encontrá-lo num recanto do antro escuro.

Depois de libertar os atenienses da hecatombe,
celebrou a vitória com libações de júbilo
e partiu com Ariadne à ilha de Naxos.

ORFEU,

O CITAREDO TRÁCIO

Tangendo, na cítara, o acalanto dos venturosos ritmos,
despediu-se Orfeu da ternura de Eurídice,
que, com ele, entoava, melancolicamente,
amavios de inefável êxtase.

Partiu com os argonautas para resgatar, na Cólquida,
a preciosa pele de ouro do sagrado carneiro.

Da perigosa aventura regressou,
mas não reviu mais a delicada e sensual noiva,
de rosto suave e feiticeiros olhos.

A peçonha de uma serpe a transportara
aos breus da noite antiga.

Aos báratros desceria ele, viajaria pelo espaço infinito
e atravessaria mil vezes o Aqueronte,
para trazer de volta, da última caverna do universo,
a Amada, cujos doces lábios tantas vezes beijara,
entre palavras sussurradas,
nos amorosos bosques da Trácia.

Cantou, no escabroso ergástulo,
uma melodia tão bela, que Íxion parou a roda do tempo.

Perséfone, a rainha das trevas,
condoeu-se da elegia nostálgica de Orfeu
e prometeu devolver-lhe a nubente,
contanto que ele partisse à frente,
sem duvidar que Eurídice o acompanharia
pelas brumas abissais.
Arrebatado de ânsia e de saudade,
ele se voltou para ver o delicado sorriso da noiva
e a imagem de Eurídice se esvaiu.
Dilacerado, chorou o aedo no monte Pangeu.
As bacantes, em vão, tentaram seduzi-lo.
Seu pranto não cessou
até que a Via Láctea o acolheu
numa eclosão de claridade e refrigério.
Tornou-se Orfeu o detentor
dos archotes dos ritos propiciatórios.

ULISSES,

REI DE ÍTACA, E SEU DIÁRIO DE NAVEGAÇÃO

Rompi amarras e me aventurei
nos insidiosos caminhos de Poseidon.
Oscilei perigosamente na tormenta.
Arrastei, à força, até o barco, os marujos ébrios
que, na terra dos lotófagos,
comeram flores que os faziam sonhar.
O Deus do Tridente derivou-me o trajeto
à ilha do energúmeno Ciclope,
que, na gruta fétida, horrendamente,
seis dos meus doze companheiros devorou.
Aguda estaca finquei-lhe no olho e me evadi,
no afã de aportar na ilha
que o mar jônico unge de esmeraldas azuis.
Zeus me fendeu a nave de alta proa.
Vaguei nove dias ao sabor das ondas,
abraçado aos restos da quilha.
Acolheu-me, na costa da ilha Ogígia, Calipso,
a ninfa-rainha, num tálamo de febris amores.
Sete anos, na ilha calipígia, roeram-me de saudade o espírito.

Não fosse pela providencial ajuda de Palas Atena,
meu pranto, desesperançado, jorraria até a morte.
O batel manobrei, pleno de júbilo.
Poseidon surpreendeu-me, em próspera bonança,
à esquerda da constelação da Ursa Maior.
Três dias e três noites, em procela enfurecida padeci.
Mastro, vela e enxárcia rebentados,
agarrei-me a uma trave, lutando contra as ondas e as lufadas.
Salvo pela Ninfa Ino, que à ilha dos Feácios me impulsou,
iguarias e trajes recebi de Nausicaa, bela e generosa princesa.
Comoveu-se Alcino, monarca hospitaleiro,
ao ver saudoso pranto em meu semblante,
quando a lira tangia o cego Demódoco.
O bondoso rei habilitou-me, com barco e tripulação,
a porfiar, mais uma vez, no labirinto aquático.
Os néscios marujos, desconfiados de que lhes escondia ouro,

abriram o embrulho em que Éolo amarrara os ventos,
desatando a procela.
Suportamos, sofredamente, o impacto das vagas indômitas.
Com pérfidas pedradas, fui recebido no covil dos Lestrígones.
Na ilha da sedutora Circe, meus escudeiros como porcos vi,
intoxicados de luxurioso narcótico.
Com antídoto da farmácia de Hermes,
despertei do engano aqueles insensatos.
Despedi-me da tirana dos sortilégios,
atravessei o rio de fogo dos réprobos
e domei o Cão de fauces abrasadas.
Minha adorada mãe, Anticleia, dos breus surgiu
e me reportou a impecável retidão de minha esposa Penélope.
Dezesseis anos de provações padeci alhures,
prisioneiro do vasto mar, até ancorar no porto de Ítaca.

HERMES TRISMEGISTO,
INSTRUTOR DOS ESCRIBAS E DOS ALQUMISTAS

Hermes conduz os espíritos pelo ocre vergel,
para reanimá-los noutros corpos.
Participa da expedição
de captura ao cão do submundo.
Franqueia o caminho aos bons acontecimentos.
É o espírito do planeta Mercúrio,
codificador da ciência oculta.
Separou a terra do fogo
e tornou-se receptáculo da Força
que dá vida aos seres
e tem o poder de tudo fazer.
Conhecedor dos mistérios da lâmpada imortal.
Mediador entre a mortalidade humana
e a eternidade das esferas siderais.
Hermes traz a madrugada,
instila orvalho nas flores
e coloca a palavra na consciência do espírito.

AKHENATON,
O FARAÓ POETA

Akhenaton louvava a energia radiante de Aton,
o soberano dos dois horizontes,
centelha evolutiva em cada coração.
Gravou nos obeliscos
o nome da majestade celestial
para ensinar aos hierofantes provincianos do Egito
a cultivar, com reverente amor filial,
a luz que clareia o mundo.
Sob os portais portentosos de Karnak,
o Egito teve nova capital,
com avenidas orladas de palmeiras.
Num altar celeste,
com jardim de lótus e nenúfares,
Amenófis IV recitou hinos,
no rito de veneração ao Sol.
Das fronteiras do Eufrates à quarta catarata do Nilo,
com naus, criptas, insígnias, incensos e libações,
o Astro-Rei foi glorificado.

SALOMÃO, *O REI DA SABEDORIA*

Salomão dominou, pela força da verdade,
os belicosos Adonias, Sadoc e Jeroboão.
Cedros e ciprestes trouxe do Líbano
e construiu a Casa de Oração.
Repartiu os pães consagrados
e recitou os divinos Salmos,
envolto em nuvem de orvalho.
Atravessou o vento das tempestuosas noites
e navegou no grande rio do País de Ofir.
Parecia estar em toda parte.
Celebrou a paz,
casando-se com a egípcia Sulamita,
a musa do amoroso Cântico.
Às duas mulheres, que se diziam mães
de uma criança parida na mesma casa,
pronunciou como veredicto
que o recém-nascido fosse partido ao meio.
Sabia ele, de antemão, que a verdadeira mãe
daria o filho à mentirosa, e entregou o menino

à que concordou em dá-lo

para não vê-lo morto.

Do Nilo ao Eufrates,

vinham os descendentes de Adão

ouvir as palavras

que o Poder colocara em seu coração.

A rainha de Sabá trouxe-lhe rosas,

apenas uma das quais autêntica,

para que Salomão adivinhasse a verdadeira.

O Soberano abriu a janela,

uma abelha entrou e pousou na rosa natural.

De eterna fama consagrou-se o Rei **Sábio**,

conhecedor da luz transcendental da natureza.

HOMERO

E SUA SAGRAÇÃO (SEGUNDO NICOLAS POUSSIN)

Debaixo dos grandes pinhos do *Parnaso*,
Homero recebeu, genuflexo,
das mãos do luminoso Apolo,
a preciosa taça de néctar e ambrosia.
Os verdes ramos das folhas de Dafne
se esparramavam pela escada do pátio,
onde o atlético deus, de dourados cabelos,
sem camisa, regia, com júbilo,
a mais lauta cerimônia da honorável plêiade.
Euterpe soprava a melodiosa flauta,
Polímnia cantava, coroada de pérolas.
Tersicore dançava, cingida de guirlandas.
Érato distribuía rosas e mirtos.
Melpômene ostentava encanto e beleza.
Clio brilhava qual reflexo estelar.
Urânia sorria, engalanada por um diadema.
Talia recitava, segurando a máscara cômica.
Calíope, esposa do Pastor Músico
e mãe do poeta Orfeu,

cingiu o aedo Homero,
vencedor dos jogos florais de Epidauro,
com uma coroa de láureas folhas.
Os poetas chegavam aos jardins de Febo,
portando compêndios para o recital.
A ninfa Castália,
de olhos lânguidos e rosada pele sensual,
reclinava-se nua sobre um manto azul,
molhando os pés na fonte
em que os mortais se purgam.
Atrás de todos, Hesíodo, de barbas brancas,
espreitava de esguelha,
ávido pelo galardão do concurso de Cálcis,
por ocasião das exéquias
do príncipe de Anfidamas.

LAO TSÉ,
MESTRE DO TAOISMO

Lao Tsé renunciou ao cargo de arquivista,
na corte da dinastia Wei,
e foi contemplar, no Oeste,
o fenômeno da variedade.

No Monte Gushi, praticou meditação visual
e exercícios respiratórios.

Aprendeu com a perecibilidade dos fortes
e a sobrevivência dos fracos.

Disse a Chang Yong que o Tao é um repouso
que traz equilíbrio e saúde.

Tinha Lao Tsé a leveza
dos que se abandonam
ao ritmo espontâneo da vida.

A Confúcio, que o visitou para falar dos ritos,
aconselhou que governasse pela não-ação.

Ao guardião de fronteiras Yin Hsi,
que o incentivou a escrever poemas,
disse que a harmonia original é indescritível,
porque o Tao é a metamorfose

que religa o ser ao eterno presente.
Reiterou que sua meta
era imitar o recém-nascido,
que fecha as mãos o dia inteiro,
sem fazer esforços,
e olha, sem que os seus olhos se movam.

ASHTAVAKRA GITA, *O GURU*

Janaka, o rei de Videha,
queria conhecer a glória eterna,
renunciando ao que dá prazer aos sentidos.
Assim, anotava os versos do Advaita Vedanta
que o Guru Ashtavakra improvisava.
Deambulando entre as árvores,
deleitando-se com as calmas ondas do vento,
Janaka ouviu, encantado, os ditames da ciência
de nada ser e tudo ter.
Disse-lhe o visionário súdito, nos bosques de Mithila:
*– Iluminamos o mundo,
quando o pensamento
não se vincula a nenhuma expectativa!*
De súbito, o soberano-discípulo
teve a consciência de ser
o Brahman Onipresente.

SÓCRATES

E SUA COERÊNCIA

Sócrates resistiu ao rigoroso inverno,
na guerra do Peloponeso,
e resgatou Alcibiades, ferido e perseguido
pelos sanhudos espartanos.

O filósofo prescindia de cargo oficial
para palmilhar as ruas,
exortando os atenienses a se aplicarem à virtude.

Aristipo foi de Cirene a Atenas
fazer-se discípulo

do homem que induzia os sofistas
(que não distinguiam entre o que é
e o que parece ser)

a dizer o contrário do que pretendiam.

Meleto acusou o pensador ateniense
de negar os deuses
e corromper a juventude.

Perante os juízes do Pórtico do Arconte,
Sócrates reiterou que recebera mandato de Apolo
para servir aos interesses dos cidadãos.

Por benfeitor, teriam que alçá-lo
ao pedestal dos hóspedes honoráveis.
O presunçoso Ânito pronunciou a sentença
do transgressor da religião oficial.
Sócrates se recusou a fugir:
para onde fosse, seria recebido como um rebelde,
porque em parte alguma
havia quem professasse a justiça.
Rezou para que os deuses
lhe garantissem uma boa viagem.
Tomou um banho, bebeu a mortal cicuta,
deitou-se e balbuciou:
– Desde o dia do nascimento,
a natureza condena o homem a perecer.

SIDARTA GAUTAMA,
O ILUMINADO

Ao passear por Kapilavastu,
Sakyamuni viu um ancião,
um enfermo de peste negra, um cadáver
e um mendigo *sanyasi*.
Decidiu, naquele momento,
desenredar-se da teia dos prantos e dos lamentos.
Entrou na floresta de Uruvela,
subiu a montanha de Rajasgrika
e praticou sete anos
de austeridade com os brâmanes.
Tinha trinta e cinco de idade, quando,
sob uma figueira, compreendeu:
o licor dos prazeres evapora
e o apego ata o nó da avidez.
No Sermão de Benares,
falou do lótus que nasce da água,
eleva-se e cessa de tocá-la.
Na floresta de Migadayana,
proclamou a vitória do Bodisatva

sobre as ilusões do *samsara*.

Meditou, com o rei Bimbisara,
no bosque de bambus de Veluvana.

Sem pronunciar palavra inexata,
peregrinou, durante quarenta anos,
até eliminar em si a ânsia de renascer.

CHUANG TSÉ,
O SUBLIME TAOISTA

Trajando túnica de cânhamo rústico,
Chuang Tsé deambulava na província de Ho Song.
Na ribeira do rio Hao,
contemplou a alegria dos peixes
e mostrou a Hui Tsé
a árvore retilínea
– a primeira a ser derrubada –
e a nodosa, que sobrevive ao talho do lenhador.
Examinava a fluidez relativa do conhecimento
e a si mesmo perguntava
o que diferencia as palavras do piar dos pássaros.
Ainda não sabia
se o que chamava *conhecer*
era mesmo *conhecer* ou *desconhecer*.
Sabia apenas que não se pode descobrir a origem
do que transcorre entre um dia e uma noite.
Sonhou que era uma borboleta e, ao despertar,
não sabia se fora ele que sonhara ser uma borboleta
ou se era a borboleta

que sonhara ser Chuang Tsé.

Com estas palavras, o sublime taoista
recusou o honroso convite do rei Wei, de Chu,
que lhe oferecera a ostentação
de um cargo de alta dignidade:

*– Não me ocupar das coisas do mundo
é o ideal que ambiciono.*

*A fama que busco é o Tao impronunciável,
o êxtase da música do céu.*

PATANJALI,
O IOGUE SANKHYA

Mestre dos aforismos do conhecimento *sátvico*,
Patanjali ensinava os iogues
a praticar o *pranayama*,
concentrados no Purusha, o Sol Íntimo.
Pela respiração purificadora,
recolhia os sentidos na essência do Ser.
Do *yama*, disciplina de humildade,
até o *samadhi*, imergiu no vazio
e percebeu em si o cristal que espelha a luz.
Atento ao *sahasrara chakra*,
teve a visão espiritual dos seres realizados.
Entrou no estado de absorção:
consciência estabelecida
em sua verdadeira natureza.
Sentiu-se num lago,
no qual se refletia a Mente Cósmica.

HORÁCIO,

POETA DOS BOSQUES SABINOS

Horácio celebrou o sacro vergel de Tiburno
e a cascata que se despenha na casa ressonante de Albúrnia.
Com Virgílio e Mecenas, meditou, em passeios bucólicos,
bebendo o vinho de dois anos na pátera.

Ao som da lira dórica, rezou a Vênus, Rainha de Pafos,
para que intercedesse junto a Glícera, de delicada cintura,
e nela despertasse o estardalhaço da volúpia.

Ao som da flauta bárbara, cantou, com plectro leve,
o noturno encontro em que se escutam serenos sussurros.

Ao som do vento, de canoras cordas,
desfrutou o dia votivo nos jardins de Ustica.

O delicado alento da Camena o consolou, na companhia da musa.

Fez lauto obituário de louvor ao preclaro Quintílio Varo,
que a Noite sem lua conduzira pelo letal caminho.

Jamais trocaria as ribeiras do vale sabino
por riquezas que inquietam a alma.

Nas calendas de março, do ano 30, maldisse a árvore
que, ao cair, quase o atingiu fatalmente.

Recusou a púrpura e os umbrais dos soberbos,

em prol do ócio incomparável.

Viver cada segundo indiferente às tramas do tempo arisco
era a sua recompensa pela curta esperança que a vida admite.

Pediu a Júpiter que retardasse o voo do Destino.

Com os dons de Líber e a contemplação do mar Tirreno,
dissipou as penas vorazes.

JESUS,

O MAIS PERFEITO DOS HOMENS

Jesus de Nazaré chorou,
quando soube que mataram João Batista, o Anunciador.
No deserto, resistiu às tentações de Lucifer.
Água imortal deu à Samaritana na fonte de Jacó.
Em Cafarnaum, curou, à distância,
o servo do centurião que teve fé.
Andou sobre o lago azul da Galileia.
Disse que amar o próximo revela o eu desconhecido.
Profetizou que governaria o mundo,
sem exércitos nem escravos.
Ao tomar conhecimento da dor de uma desesperada mãe,
que chorava o filho morto,
chamou o menino, tocando-lhe o peito:
o infante abriu os olhos e sorriu.
Em Samaria, pôs as mãos
sobre a carne dilacerada dos leprosos
e seus rostos foram purificados.
Jesus mandou que a filha de Jairo, exangue,
se erguesse do leito mortal e ela sobreviveu

e teve uma vida serena.

A caminho de Tiberíades,

quando Marta lançou-se aos pés de Jesus,

pedindo auxílio, ele mandou

que destampassem a tumba de Lázaro.

Chamou-o, com voz firme, e Lázaro se reincorporou.

O Mestre precipitou no abismo a legião obsessora

que infernizava um gadareno.

Da própria saliva, fez um bálsamo,

com que untou os olhos do cego Bartimeu,

devolvendo-lhe a visão.

No templo de Nazaré, leu a Sagrada Escritura,

onde Isaías profetizava a seu respeito:

O Espírito do Senhor está sobre mim

para curar os doentes, libertar os oprimidos

e consolar a todos com a palavra da esperança.

Os fariseus se indignaram, quando Jesus curou,

num sábado, a mão mirrada de um pobre.

Ele entrou em Jerusalém, montado num jumento,
e aclamou as crianças, que acenavam ramos.
Expulsou, com um azorrague, os vendilhões
que aviltavam a casa de oração
e recriminou os fariseus hipócritas.
Pelas planícies desoladas, bendisse os peregrinos,
que seriam detestados por defenderem a sua causa.
Atestou que os primeiros e os últimos se tornarão um só.
Declarou ser a Luz que paira acima de todas as coisas.
No derradeiro jantar de comunhão, Jesus repartiu o pão,
como se fora o próprio corpo; e o vinho,
como se fora o próprio sangue.
Profetizou que a Terra semelhará ao Céu
e advertiu que Judas o entregaria,
para que se cumprisse a Escritura.
Na dolorosa provação do Getsêmani,
a escolta o amarrou com correntes de ferro
e o conduziu à presença dos tiranos.
Jesus entristeceu, quando a súcia lhe cuspiu no rosto
e o esbofeteou e o feriu com a coroa de espinhos.

Subiu o íngreme Gólgota, aos tropeços,
açoitado, sob pesado madeiro.
Maria soluçava, seguindo o cortejo,
querendo com o Filho morrer.
Na aridez da colina, Jesus teve os pulsos
e os pés traspassados por cravos, a golpes de martelo.
Suspenso na cruz, com as mãos e os pés sangrando,
aos algozes perdoou.
O céu escureceu, mas um halo resplandecia em seu corpo.
Junto ao túmulo vazio, Maria ainda chorava,
quando dois anjos, de branca luz,
ela avistou ao lado do Senhor, ressurreto.
O Verbo Encarnado reapareceu aos amigos,
no caminho de Emaús,
para coroá-los com auras de fogo.
Ergueu as mãos para abençoá-los
e se elevou no ar, em direção ao céu.
Entrou numa nuvem luminosa
e imergiu no círculo do Sol nascente.

SÊNECA, *O ESTOICO*

O Senador Lúcio Aneu Sêneca, de quarenta anos,
doutor na arte da consolação,
foi alijado da vida pública pelo execrável Calígula.
Depois de sete anos exilado na Córcega,
por haver fornicado com a bela e loura Júlia,
Sêneca se viu reconduzido à camarilha imperial
para ser preceptor de Nero,
a quem exortou a suprimir a pena de morte.
O filósofo advertiu seu discípulo de que o homem sábio
tem a alma em sintonia com a ordem cósmica
e combate os próprios erros.
O pervertido imperador, ignorando os sábios conselhos,
mandou sicários assassinares Britânico
(seu primo) e Otávia (sua honesta esposa).
Sêneca pediu exoneração dos encargos políticos,
depois que Nero mandou degolar a própria mãe.
Isolou-se da corja de capa e coroa.
Desfrutaria da tranquilidade da alma
em qualquer espaço de onde pudesse ver o céu.

Enojado com o barulho dos histriões,
que sucumbem aos impulsos frívolos,
imitaria Diógenes, de quem nada se poderia tirar.
O imperador acusou Sêneca de conspirar com Pisão
e decretou a sentença de morte de seu antigo mestre.
– *Só temos de imperdível o que perdemos* –
pronunciou a venerável vítima.
– *O amor à vida causa escravidão!* –
exclamou, ao abraçar a esposa Paulina,
que com ele morreria,
se os carrascos não tivessem arrancado o punhal das mãos dela.
Antes de ser executado, Sêneca pôs fim aos infortúnios,
cortando os pulsos e bebendo veneno.
Permaneceu calmo na tribulação da morte.

BODHIDHARMA

E SUA INSTRUÇÃO

Bodhidharma tomou um barco,
zarpou de Mahabalipuram
e desceu em Nanhai,
onde o imperador Wu, da dinastia Liang,
o levou a seu jardim de pedras preciosas.
Perguntado pelo monarca
sobre a verdade absoluta,
o monge revelou-lhe
que o fundamento de tudo é o vazio imenso.
Depois de meditar, por nove anos, no Pico Shaoshih,
olhando as paredes do mosteiro,
Bodidharma reuniu discípulos em Loyang,
aos quais entregou o Sutra Lankavatara,
o néctar do conhecimento,
que libera os seres da ilusão das aparências.

SANTA LUZIA,
A DEVOTA

Luzia, jovem bela e honesta,
repartia a sua riqueza com os pobres de Siracusa.

Quando peregrinou a Catânia,
junto ao sepulcro de Santa Águeda,
situado na raiz do Etna,
tinha a certeza de que curaria sua mãe,
acometida de terrível enfermidade.

Um impertinente rufião, interesseiro e apaixonado,
foi rejeitado por Luzia, que fizera voto de virgindade,
consagrando-se ao Senhor.

O pretendente rejeitado denunciou ao Pretor Pascácio
a moça de olhos azuis e beleza encantadora,
que professava a fé no Deus Crucificado.

O castigador dos cristãos a interrogou.

Com absoluta coragem,
ela confirmou sua fé no poder do Salvador.

Os soldados tentaram, em vão, arrastar à fogueira
a jovem, de aparência semelhante à Vênus da foz do Anapo.
Ela pesava tanto,

que nem amarrada com cordas, conseguiram levá-la.

O furioso Pretor mandou que um verdugo
arrancasse os olhos da devota.

Ela, no entanto, depois do suplício, continuou enxergando,
dotada de luminosa visão espiritual.

Era noite, mas o halo cristalino que lhe cingia a cabeça
clareava o átrio como um sol nascente.

LI PO,

O VIAJANTE

Da ribeira do rio Yantsé,
Li Po foi ver a lua refletida no arroio Shan.
Na geada branca do outono,
reclinou-se sobre a relva ondulante,
à sombra noturna do monte Taisahn,
e as flores riram da sua solidão.
Bebeu com os tangedores de cítara.
Dormiu ao relento no Templo da Montanha.
Contemplou a cascata do Monte Lu.
Sob o céu da estrada longa e difícil,
cantou a saudade das cigarras de Chang
e daquela jovem bonita,
parecida com uma flor,
que nas nuvens do tempo se ocultava.
Do Pavilhão da Grua Amarela
aos confins da ermida do asceta Ju Si,
a lua o acompanhou nas fronteiras e nas águas,
clareando a relva de fios de seda esmeralda.
As folhas redemoinhavam

no terraço da Fênix de Jinling
e nas dobras da túnica de Li Po,
enquanto ele buscava o elixir dos taoistas
para dialogar com o vento.
Só de ver as tulipas,
que deixavam cair as pétalas,
esqueceu toda a tristeza.

SHÂNKARA, INTÉRPRETE DO VEDANTA

Adi Shânkara queria sentir-se clarividente
como a água que reflete o céu aberto.
Meditou às margens do rio Narmada,
peregrinou ao monte Kailasa e fundou mosteiros.
Cantou hinos à deusa da Fortuna, Lakshmi,
para que fizesse chover bem-aventurança
e ouro na casa dos brâmanes
que o alimentaram com o fruto *myrobolan*.
Percorreu os templos,
da nascente à foz do Ganges,
na companhia dos *sanyasis acharyas*,
predicando a luz dos poetas videntes.
– Até quando, jiva (*a alma individual*),
irá identificar-se com os próprios sentidos?
Quando nos reconheceremos inseparáveis
da indivisível totalidade? –
indagava o iogue,
livre dos ciclos do *samsara*,
Atman e Brahman inseparáveis,
no Universo tangível,
dentro e fora da entidade viva.

MANSUR AL-HALLAJ,

POETA MARTIRIZADO

No sul da Pérsia, Mansur al-Hallaj
recebeu o manto dos sufis, ébrio de amor místico.
Praticou a mortificação com os pobres do Khorasán e da Índia.
Se os sufis, famintos, pediam-lhe pão e tâmaras,
ele os trazia num milagre,
estendendo a mão para o céu e colhendo as dádivas.
Era eloquente e se vestia como um mendigo.
Recomendava que os dervixes governassem a si mesmos.
Rezou al-Hallaj, no Monte Arafat, clamando sua paixão
[unificadora:

*– Se te pressinto em todos os lugares
e além de qualquer lugar,
por que a parte que sou
só vê o que se desprende da fonte?*

Os maledicentes o acusaram
de revelar segredos aos não iniciados.
O ulemá suspeitava das visões sublimes

daquele que perturbava o aprendizado das verdades oficiais.

Denunciado ao califa al-Muqtadir pelo vizir Ibn al-Furat,

[al-Hallaj

foi capturado em Susa e levado ao cárcere em Bagdá.

Na prisão, reiterou aos convertidos

que mais vale alimentar os órfãos do que praticar rituais.

O califa proibiu as visitas ao heterodoxo que excitava problemas.

No oitavo ano da prisão do poeta-sufi,

o vizir Hamid foi com o califa, pessoalmente,

anunciar ao místico a sentença de morte.

Na primeira noite, não o encontraram.

A cela estava vazia.

Na segunda, não encontraram nem o prisioneiro nem a prisão.

Na terceira, al-Hallaj se achava no cárcere

e, quando lhe perguntaram para onde fora antes, disse-lhes:

– *Na primeira noite, estava com Sua Majestade;*

na segunda, Sua Majestade estava aqui,

por isso ficamos invisíveis;

e, na terceira, fui trazido ao calabouço para cumprir a lei escrita.

Uma rebelião dos artesãos abriu as portas do presídio.
Mansur recusou-se a fugir com os outros prisioneiros,
porque o Senhor tinha revelações a fazer.
Perguntaram por que ia tão veloz a caminho do cadafalso.

– *Porque hoje eu me rendo à corte celeste.*

– *Qual a essência do sufismo? –
indagou Chibli, que o renegara três vezes.*

– *Tu não podes ter acesso ao sufismo.*

No dia 27 de março de 922, clamou,
no patíbulo, em Bagdá, antes de ser decapitado:

– *Emerges de onde te ocultavas*

para saciar-me a sede

que o lago do mundo não saciou.

Tua sombra já se reflete no cântaro

da penumbra que sou.

Hoje estarei contigo

em todo lugar e em parte alguma.

IBN ARABI

MEDITA A RESPEITO DO AMOR

Ibn Arabi, o Murciano,
autor do *Livro da Viagem Noturna*,
abraçou, na Meca, os ascetas piedosos.
Meditou sobre a essência do indefinível,
que se deixou ver na nuvem,
exuberante e velado em formas infinitas.
Exortou os filhos de Adão a adorar a Deus,
o que suscita a esperança daquele que se enamora.
Recitou, em Alepo, aos beduínos iluminados:

– *Aonde quer que me dirijam os camelos,
o Amor será sempre meu Criador e minha fé.*

FRANCISCO DE ASSIS,

O CONTEMPLADOR DAS COISAS DO CÉU

Depois da experiência da guerra e da prisão,
o jovem Francisco, vestiu-se como um mendigo
e distribuiu aos leprosos

as roupas da loja de seu pai, Dom Bernardone.

Em vão, o pai tentou trazê-lo de volta
aos ruídos frívolos do mundo.

Cozinheiro do mosteiro dos beneditinos de San Verecondo,
pedreiro na ermida do Monte Subasio,
andarilho do Apenino Central,

Francisco enfrentou a neve, com gelo na túnica,
dormiu sobre as rochas e contemplou as verdes dádivas do Sol.
Esmolou, de casa em casa, angariando escassos recursos,
que repartia com os pobres.

Louvou as flores da terra e as lâmpadas do infinito.

Os pássaros pousavam em suas mãos.

Impressionado com a obstinação do penitente,
o Papa Inocência III autorizou aquele asceta
a pregar em nome do Divino Mestre.

Clara, nobre patricia, filha de Scifi,

branca, esbelta, radiante, de olhos esmeraldinos,
deixou a casa paterna,
para caminhar descalça, imitando o peregrino,
que vivia despojado de tudo.
Um certo Bartolomeu de Gaeta agonizava,
atingido por um golpe de viga mal colocada.
O monge Francisco pôs as mãos
sobre a ferida do moribundo e o levantou.
Quando a cizânia do inimigo, por meio de seus companheiros,
tentou perturbá-lo,
ele entregou a Pedro de Catânia a direção da Ordem
e se refugiou numa caverna, no Monte Alverne.
Rezou, à noite, com os braços estendidas,
em forma de cruz,
até que um misterioso esplendor rodeou-lhe o corpo
e o condecorou, nas mãos e nos pés,
com os estigmas sagrados do Cristo.

RUMI,
O DERVIXE

Rumi girava na dança celeste,
cujo transe imita a órbita dos astros.
Quando, aos 37 anos,
Conheceu Shams al-Din, de Tabriz,
o dervixe errante,
sentiu um estremecimento inefável.
Passou um mês retirado,
escrevendo o *Diwan* e o *Masnavi*,
na companhia de Shams,
o guia das almas eleitas,
que lhe ensinou a viver
para além de si mesmo.
Alma livre da prisão cotidiana,
Rumi meditava sobre a dissolução do eu e do tu,
fazendo ablução com as próprias lágrimas.
Quando Shams partiu para o ignoto,
o poeta perguntou, de casa em casa,
pelo paradeiro de seu amigo,
adorado pela alma dos anjos.

Com o rosto desvanecido dos enamorados,
cantando a ebriedade de nada ser,
imersu no rosto iluminado
de seu único igual,
feito a flor que dá luz à água.

JACQUES DE MOLAY,
CAVALEIRO-MONGE

Abençoados pelo Papa Honório
e pelo ardoroso eremita de Claraval,
os monges-soldados forjaram reputação de bravura.
Com mil e quinhentas lanças e poderosa frota,
a Santa Milícia conquistou castelos,
recolheu tributo dos *Assassins*
e fundou um banco para o Rei de França.
Jacques de Molay, o Grande Mestre,
padrinho do príncipe herdeiro,
ousou recusar a demanda do déspota Filipe IV,
que solicitava sua admissão à Ordem dos Templários.
Molay se atreveu, também, a rejeitar a proposta do rei,
no sentido de fundir os Templários
e os Hospitalários numa instituição única,
submissa à Coroa francesa.
Convocado a comparecer perante o monarca,
Jacques escusou-se da obrigação.
Filipe IV urdiu, com seus esbirros, a trama das calúnias
e obrigou o voluptuoso Papa Clemente V, flexível ao servilismo,

a lançar sobre os Templários a culpa da perda de Jerusalém.
A difamação os nomeava
infames, usurários, satânicos, bruxos e delituosos contra-natura.
Quando Jacques de Molay veio de Chipre,
assistir aos funerais da irmã do rei,
a Guarda do Grande Selo Real atacou a igreja-fortaleza,
de altas torres circulares,
e prendeu cento e quarenta templários.
Em diversas regiões francesas,
numerosos cavaleiros foram submetidos à tortura nos calabouços.
Trinta e três dos quais sucumbiram ao suplício.
Molay pediu perdão, diante da Universidade de Paris.
Clemente V mandou sequestrar o patrimônio do Templo,
pronunciou a dissolução da Ordem e se recolheu a Avignon.
Perante a comissão dos doutores canônicos,
Molay se declarou um pobre soldado iletrado,
que respeitaria o julgamento de Sua Santidade.
Pedeu que se procedesse à investigação,
e se constatasse a limpeza daquele serviço divino.

Afirmou que jamais religião alguma distribuía tanta esmola quanto os soldados do Cristo, que cuidavam dos peregrinos nos ínvios caminhos e derramavam seu sangue pela fé, perecendo, honradamente destemidos.

Defendeu-se, por fim, da acusação de haver homenageado Saladino.

Na noite de 18 de março de 1314, na ilhota da Cité, em plena praça de Notre-Dame, entre o Jardin Royal e a igreja *des frères* de Saint Augustin, Molay foi amarrado ao poste do martírio.

Enquanto ardia o fogo que o supliciava, ele reiterou os protestos de sua inocência e da pureza da Ordem.

Lançou sua maldição, intimando os que o condenavam injustamente a comparecer ante o tribunal de Deus.

A desdita em breve se abateria sobre os seus algozes.

DANTE ALIGHIERI,
POETA ENCICLOPÉDICO

Aos vinte e quatro anos, trovador e armado cavaleiro,
lutou Dante Alighieri pelos papistas guelfos,
em Campaldino e Caprona,
contra os gibelinos, aliados ao Sacro Império.
Com o velho Brunetto Latini, depois da guerra,
il fiorentino leu Túlío, Aristóteles e Sêneca,
meditando sobre a esfera luminosa,
onde assistem os espíritos angélicos.
Já Beatriz Portinari, luz das estrelas,
fora requisitada pelos Céus
para ser reflexo da glória divina.
Só no orbe dos entes luminosos, teria da musa,
adorada desde o alvor da primeira existência,
o amor devolvido.
Prior da mais alta magistratura,
Dante foi forçado a exilar o fraterno Guido Cavalcanti.
Votou contra a demanda do simoníaco Papa Bonifácio VIII,
que pleiteava cem cavaleiros para o exército
que garantiria a soberania da Igreja

sobre as comunas toscanas.

E só lhe restou cumprir pena injusta de exílio.

No castelo de Cangrande della Scala,

em Verona, leu Platão e Plotino.

Na Igreja de Santa Helena,

expôs sobre a dimensão espiritual dos elementos cósmicos.

Em Bolonha, releu Tomás de Aquino e Boécio.

Banhou-se, forasteiro, nos rios edênicos da Ligúria e da Úmbria.

De Florença, recordava os arcos floridos,

os outeiros cobertos de oliveiras e vinhas,

e as pontes do Arno,

que o vento embala de balsâmicas quietudes.

Honrou o linguajar toscano, com o lustro vocabular

e a visionária alegoria da *Divina Comédia*.

Com Mestre Eckhart e Ramón Llull, assistiu, em Paris,

ao suplício final de Jacques de Molay.

Recusou-se a comprar com seu dinheiro

o regresso àquela Florença

que o truculento Ugucione della Faggiola
desprovera de piedade.
Investigaria as dulcíssimas verdades
em qualquer lugar debaixo do céu.

FRANÇOIS VILLON

E SUAS DESVENTURAS

De *Saint-Benoît* teólogo vidente,
François Villon meteu-se em algazarra.
Tornou-se um *coquillard* impenitente.
Contra um padre brandiu a cimitarra.

Quanto ele, num rompante, incontinenti,
desfalcou o Colégio de Navarra,
fugiu, errante, feito um indigente,
mas o bispo Thimbaud cravou-lhe a garra.

Na prisão, perdeu todos os cabelos.
Saiu dali, prometendo desvelos.
Brigou com um notário zombeteiro.

O preboste o condenou, sem apelos.
Indultado, no instante derradeiro,
jamais se soube do seu paradeiro.

CRISTÓBAL COLÓN, EL ALMIRANTE VISIONARIO

*El humo de la guerra todavía flotaba,
cuando a Granada llega el estrafalario,
forastero de extraña traza, llamando a la puerta de los Grandes.
Por imposible se juzga su quimera.
A la reina Isabel interesaban los tesoros de Cipango.
Pero el rey Fernando soñaba con la Guerra Santa.
Luis de Santángel le prestó los maravedíes.
El arrojar en las hogueras del mar era un viaje hacia la muerte.
Embarcóse en Palos con los desorejados,
llevándose carta para el Gran Kan.
Dentro del callejón de los alisios,
con el tardo espacio de las aguas,
proeza fue persuadir a los amotinados.
Al cabo de dos meses de travesía, a lo lejos lumbre ve,
de rodillas da gracias, y saca la bandera con la cruz verde.
Preguntaba por el oro a los desnudos súbditos del Gran Kan.
Amenazó con colgar a Martín Alonso,
cuando el viento se llevó La Pinta.
Alzó la fortaleza con los palos de la Santa María.*

*Forzoso era dejar a treinta y nueve, y volver a los pies de la reina.
De la tormenta sufriendo arremetidas,
echa al mar un barril con testimonio escrito.
En Santa María de los Azores,
de un capitán portugués sufrió desafueros.
Navegó hacia Lisboa,
donde a Juan II echó en cara
el haber despreciado su propuesta.
Por poco no lo asesina el enfurecido luso.
Saliendo indemne, se llevó sus hallazgos a Barcelona.
Con papagayos y aborígenes enfermos,
se postró ante los soberanos,
prometiando montañas de oro: ¡Se cumplió lo que dijo Isaías!
Era la ínsula de los bienaventurados!
Con carabelas armadas, vuelve a las Indias.
En La Española, vio los cadáveres acuchillados,
a causa de las mujeres y del oro,
y puso grillos a los pies de Canoabo
para escarmentar su costumbre de cocer cabezas.*

*Enfermo de modorra pestilencial,
pronto salió disparando espingardas,
cuando los rebeldes tomaron por fuerza los navíos.
En el segundo trayecto de regreso,
murieron las ánimas esclavizadas.
Las bulas demarcaron el nuevo mundo entre las dos coronas.
Con unos cuantos delincuentes, en el tercer viaje para servir a Dios,
embarcóse y con flechas fue recibido.
Hubo que ahorcar a los acometidos de soberbia.
Los libelos lo acusaron de decapitar a los indios.
De quedarse con el oro por arrobas.
De haber vendido La Española a los genoveses.
Bobadilla, con estofa de comendador, lo arresta y lo priva del
[gobierno.
En el viaje, encadenado, recusó que le retirasen los grillos:
Que sólo los Reyes se los podrían quitar.
Desembarcó en Cádiz con grilletes y tabardo de sayal.
En su defensa, de rodillas, sollozando,
se nombró mensajero de los nuevos cielos y la nueva tierra.*

*Enfermo, sin oro y sin ventura, fue juzgado y rehabilitado.
Había urgencia en hacerse a la mar.
Vasco de Gama había llegado a Calicut
(con tal de que no se acercase a Ovando...).
Otra vez el agua como una caldera, hasta la cubierta entrando.
Los navíos sin velas y sin anclas, la gente deseando la muerte.
Tenía allí al hijo de trece años. Sufrió la insolencia de los De Porras.
En Jamaica, un año entero encallado,
hubo que predecir un eclipse
para obtener víveres de los indios temerosos.
En el último regreso, encontró muerta a su protectora.
Haya misericordia en el cielo, escribió, despojado de caudales.
La gota lo obligaba a montar mula.
Reclamaba sus honores, pero nadie lo escuchaba.
Rechazó un feudo ofrecido por el rey.
Inconsolable, no cesó de llorar por las Indias.*

TICIANO,
UM FRÊMITO DE CINTILAÇÕES

Com mágicas policromias,
Ticiano retratou o Doge Grimaldi,
genuflexo e aureolado de luz.
O duque de Ferrara, após contemplar esse prodígio,
encomendou ao mestre dos pincéis
Bacantes para adornar sua câmara de alabastro.
O pintor do sagrado e do profano
recrutou belas mulheres,
que posaram nuas para o fausto majestoso de Vênus.
Era ele mesmo o músico que divertia
a Deusa dos Amores,
o Adônis, que ela enlaçava pela cintura.
Ele mesmo, aquele Baco, inebriado,
entre os hedonistas da ilha de Andros.
Impressionado com os suntuosos traços de Danae,
captada com languidez libidinosa,
dourada pele e voluptuosos contornos,
Pietro Aretino o apresentou ao imperador Carlos V.
O monarca austero deu ao pintor

o status nobre de Conde Paladino
e Cavaleiro da Espora de Ouro.
Paulo II, o Papa maquiavélico, hospedou Ticiano
no Palácio do Belvedere
para que o artista lhe desenhasse a efígie.
Imagens apoteóticas afloravam da mão
Que plasmava o esplendor das cores:
a dolorosa mãe, banhada em lágrimas,
na tenebrosa hora;
a *Piedade*, em luz crepuscular,
suspensa na fugacidade do tempo.
No apogeu da fortuna,
Ticiano pintou o mártir Lourenço,
na grelha incandescente,
assediado pelos algozes e coroado pelos anjos.

ARETINO,
O ZOMBETEIRO

Aretino, o dos versos zombeteiros,
foi amigo de pulhas e cardeais.
Organizou colóquios putanheiros
e escreveu salmos penitenciais.

Em Roma, fez comícios clericais.
Em Veneza, frequentou os mosteiros.
Fornicador convicto e contumaz,
levou Ticiano aos bordéis feiticeiros.

Devasso e libertino, entre os ateus,
celebrou da musa o florão veludo,
que o mulherio ostenta, tão sanhudo.

Da liberdade fez o seu escudo.
Viveu na orgia, embrenhou-se nos breus
e morreu confessado e em paz com Deus.

LEONARDO DA VINCI,
PALADINO DA CIÊNCIA E DAS ARTES

Da Vinci, o rapaz bastardo e deserdado,
com o prodigioso mestre Verrocchio,
experimentou os vernizes que tingiram
a ternura infantil da Madona de Benois
e a perspectiva cinética do encontro de São João e Jesus
(os cabelos borbulhantes dos anjos,
como o rio que desliza na ossatura pétrea).
Esboçou os magos reis e o penitente São Jerônimo,
e foi para Milão, com Salai, o demônio travesso,
e Atalante, o pupilo músico, porque prometera
pontes móveis, canhões, monumentos
e coreografias a Ludovico Sforza.
De suas mãos emanaram imaginações coloridas:
o gesto da enternecida Virgem dos Rochedos,
clareando a gruta de longínquas luzes;
os elegantes retratos de Cecilia Gallerani,
de serena beleza nos olhos de luar,
e Ginevra Benci, dissimuladamente austera,
no *sfumato* dos contornos.

O dândi excêntrico trajava túnica de seda
quando tocou lira, cantou
e recitou poemas na coroação de Ludovico.
De formas poliédricas,
iluminou o compêndio de matemática de Luca Pacioli.
Criou a música hidráulica,
desenhou pássaros submarinos e peixes voadores.
Dissecou mais de trinta cadáveres
para conhecer a anatomia dos tecidos, músculos, nervos e veias.
Mediante a proporção dos sons, pesos, tempos e lugares,
viu a correspondência entre as ondas da luz,
do som e do magnetismo.
Inventou cilindros, catracas, guias, bobinas e rolamentos.
Discorreu sobre a fluidez da água, dos ventos,
das nuvens e dos redemoinhos.
O paladino da investigação das verdades universais
calculou a idade da Terra,
compreendeu a geração, o coração humano,
as mutações dos órgãos e a energia das paixões.

Largou a fábula dos manuscritos
para se empenhar na estampa do Cristo resignado
e os apóstolos sobressaltados,
na parede úmida do Convento de Santa Maria delle Grazie.
Desenhou, na Sereníssima,
a represa que frearia os ataques do otomano Bajazet II.
Foi rever Botticeli em Florença
e refez os alicerces de San Miniato.
Proveu, de peregrinos pigmentos,
o claustro da Santíssima Annunziata,
com os retratos da Virgem e do Menino
e seu pequeno Agnus Dei.
Ornou, de delicados tons,
o mito sensual de Zeus metamorfoseado em Cisne
e a fértil Leda, de semoventes curvas,
com a penugem do púbis.
Sob os auspícios de Maquiavel,
esteve a serviço de César Borgia.
Foi inspetor de castelos nas campanhas de Ímola,

de Fossombrone e da costa adriática.
Desenhou o canal
que tornaria o Arno navegável de Florença a Pisa.
Saiu da nefasta influência do tirano Borgia,
a pretexto de terminar a Batalha de Anghiari,
devida à Signoria.
O atrevido artista recusou o salário mensal em moedas,
porque “não trabalhava por trocados”.
Charles D’Amboise o convidara
a embelezar os salões da corte de Luis II, o invasor de Milão.
Nascera o rosto iluminado,
de olhar sensual e sorriso sedutor da Mona Lisa,
cingida pelo véu transparente.
O busto suave, decotado em ondulante seda fina.
No horizonte, a névoa da paisagem árida.
O papa Giuliano de Medici o requistou
para servir no Palácio Belvedere.
Leonardo pegou malária nos charcos do Rio Tibre.
Foi à França, levando as sequelas,

junto com seu amante Francesco Melzi,
convocado por François I.
No opulento *Château du Cloux*, o homem,
cujo conhecimento recompusera globalmente o saber,
passou os derradeiros dias
traçando tortuosas visões apocalípticas do Dilúvio.

MIGUEL ÂNGELO,
O PRODIGIOSO

Na *bottega* de Ghirlandaio,
Lorenzo, *il Magnifico*,
extasiou-se diante de um sátiro
que Miguel Ângelo burilava,
e levou o jovem escultor para eternizar,
com o mármore sublime, o Jardim de *San Marco*.
A destreza do artista se perpetuou
na delicada *Pietà*, sereno solilóquio
do Cristo apolíneo, sobre os joelhos da jovem mãe.
(*Vergine madre, figlia del tuo figlio*,
nas alegorias místicas de Dante).
Cultuou a beleza do corpo,
na tela em que pintou o banho dos soldados,
na Batalha de *Cascina*,
e na estampa do jovem Davi, desnudo,
talhado em formosas proporções.
Sob o mecenato de Giulio II dela Rovere,
plasmou, no teto da Capela Sistina,
as cores dos triunfais adventos,

a história da origem espiritual do homem:
a mão de Deus ligando em Adão a força vital;
Noé, o herói, comandando a Arca da Salvação;
as sibilas, adivinhando, com os papiros da vidência
e os profetas, investidos das visões do Espírito.
Para o túmulo do papa ególatra,
cinzelou um Moisés majestoso.
Com o *Cristo Ressuscitado*, enalteceu
o altar de *Santa Maria sopra Minerva*.
Com estátuas alegóricas,
adornou os santuários fúnebres
da sacristia de *San Lorenzo*.
Paulo III, Farnese, o desafiou a pintar,
num mural de encantos, o Juízo Final.
Miguel Ângelo iluminou a Capela Sistina
com cores diáfanas de luz e beleza.
No movimento polarizado
pela quintessência das profecias,
giram, ao redor da Divina Mãe,

envolta na aura do Redentor,
os anjos voando com a cruz do martírio,
Caronte fustigando os pecadores,
os apóstolos e os santos
resgatando da mortalidade os eleitos do céu.
O Papa mandou Daniele da Volterra
cobrir a nudez das figuras coloridas
que revelavam o despudor da beleza.
O forjador das formas e das cores
ergueu no Capitólio
a estátua equestre de Marco Aurélio,
o mestre imperador,
e ornamentou, com primores,
a cúpula de arcanos de *San Pietro*.
Foi devoto de Tommaso Cavalieri,
em cujos olhos vira um *dolce lume*.
À beira da água corrente, em sonetos contritos,
teceu louvores a Vittoria Colonna,
cujo rosto semelhava ao céu.

Já nenhum afã o consolava no fervor da senectude:

Né pinger né scolpir fie più che quieti

l'anima, volta a quell'amor divino c'aperse,

a prender noi, 'n croce le braccia.

PARACELSO

E SUA AULA INAUGURAL

Paracelso trabalhou nas minas
e nos campos de batalha,
antes de haver curado o impressor Frobenius,
cuja perna queriam amputar.
Em sua aula inaugural,
na cátedra da Universidade de Basileia,
disse que os remédios vêm das estrelas.
Falou dos quatro elementos,
da quintessência,
da influência das estações
e da destilação dos bálsamos.
Ensinou que a natureza evolui com o espírito,
ser sideral que recebe a luz do saber.
Curou enfermos com banhos no rio Sihl.
Revelou a ciência
de separar o telúrico do celestial.
Exemplificou o efeito dos metais no corpo.
Tinha as roupas manchadas
pelos produtos de suas experiências,

quando foi demitido
por suntuosos doutores,
que se vestiam de seda
e ostentavam báculos e anéis de ouro.

VERONESE,
A SUAVE CLARIDADE

Os fastos de Veneza, a gloriosa;
Proezas de Vernier, o comandante;
De Santa Catarina, tão graciosa,
Os mimos à Madona e ao Infante.

Do Redentor a imagem mais preciosa,
Avolto in una luce sfolgorante;
A Ceia que a Inquisição rigorosa
Considerou de luxo exorbitante.

As Bodas de Caná, a santidade
De Jerônimo, arauto penitente,
E Sebastião, mártir na flor da idade,

Nas cores do Veronese excelente,
São torrentes de suave claridade,
De um talento que vem da divindade.

TERESA DE ÁVILA,
LA MÍSTICA DOCTORA

*Al cura de Becedas, que por ella enloquecía, le dijo:
Voy sola, pero voy con vos, porque al mismo sitio vamos.
Estuvo muerta, en los ojos le vertieron cera.
Los abrió para embeberse en deliciosa penuria.
Vio las llagas del Cristo, y despidió a los caballeros del locutorio.
Llora y desmaya, turbada por las maravillas
que Dios realizaba en ella, una pecadora ínfima.
Flagela el cuerpo para que vuele el alma.
Un madero le servía de almohada.
El padre confesor la mortifica.
Era ella la más afortunada de las monjas,
pero ninguna cosa contento le daba.
Se agarró a la reja por la fuerza del arrobamiento.
Sus lágrimas mojaron el suelo.
Decidió fundar conventos con los rigores del desierto.
El Provincial la hizo comparecer ante un tribunal.
Era desatino buscar pobreza en tiempos de hambruna.
Se le acusa de ser nieta de judíos, alumbrada como los del quietismo.
La salud tenía quebrantada, pero era tanto el gozo del ánimo,*

que parecía salir del cuerpo.

*Tan embebida estaba, que no sabía lo que quería,
ni lo que decía, ni qué pedía.*

*Cruzó largos caminos de intemperie, enferma,
chapoteando entre nevada y lluvia.*

Un ángel, con un dardo de oro y fuego, le había traspasado el
[corazón.

*A Ana de Éboli, quien quiso hacer a su gusto un convento,
dijo que la regla primitiva no era para princesas.*

La de Éboli se enfadó y puso el Libro de la Vida en mano de la
[Suprema.

El Nuncio Segá desconfiaba de esa fémica inquieta.

La Inquisición iba a tomar cartas en sus embelecós.

Yo soy mi propio inquisidor, dijo sin temblores.

TINTORETTO,
O MÍSTICO

Com riqueza de cores e refinamento de traços,
pintou Tintoretto *O Milagre do Escravo*,
em que São Marcos livra um servo
da ira dos verdugos.
Em tons fosforescentes,
o profético pintor plasmou,
no *Albergo di San Rocco*,
com os redemoinhos incendiários do seu pincel:
a visita dos Reis Magos ao Deus-Menino;
a fuga de Maria, José e Jesus ao Egito,
sob um céu de verde tessitura
e nevadas colinas;
o Messias, diante do amargo cálice,
na policromia do horto comovente;
a hora fatal da Crucifixão
(resplendor ao redor da gloriosa cabeça do Cristo
martirizado, envolto em auréola cristalina)
e o Ressuscitado,
flutuando na claridade da transfiguração.

Os próceres do Palácio Ducal
receberam, de graça,
o deslumbrante torvelinho de luz de *O Paraíso*.
O escritor Pietro Aretino o proclamou
mestre do colorido veneziano.
Ninguém jamais pintara,
em vivacidade de luz espontânea,
com perspectivas fulgurantes,
naqueles episódios azuis e róseos,
a magnificência da vida espiritual.

EL GRECO,
PINTOR MALDITO

Domenikus nasceu e cresceu entre os ícones
dos santuários brancos,
sob o azul turquesa do mar Egeu.
Cruzes, anjos e ascetas
povoaram-lhe a fábula pictórica
nos primeiros desenhos
do Cristo envolto nos sudários do vento.
Foi estudar as fantásticas cores venezianas
para imitar as proporções da natureza
e revelar o humano ímpeto ascensional.
Em Roma, esperando alcançar o favor dos príncipes,
serviu ao Cardeal Farnese
e ingressou na *Academia de San Luca*.
Na tenebrosa e verde Toledo,
ilustrou os altares de *Santo Domingo elAntiguo*,
como maneirismo lustral
daquela super-natureza estranha:
a estrutura assimétrica
e a inquietude no jogo das diagonais.

La Ressurección, com o Cristo voando desnudo,
portando a bandeira branca;
La Asunción – fulgor e alacridade –;
El Cristo en la cruz, de olhos abertos,
vive extático, plantado no escabroso Gólgota.
A ave etérea expandindo raios de luz
na chispa de claridade dos arcanjos;
O fúlgido *Pentecostes*,
em rutilantes cor e movimento,
fluindo em bizantina luminosidade.
A visionária *Madalena penitente*, de olhar contrito
e claro como os espelhos de água.
Os monges desprezaram
a iconografia de sua façanha:
A sagrada tradição dos fanáticos
vetou as extravagâncias
com que o forasteiro cretense
deformava as linhas estéticas.
Os canônigos da Catedral exigiram que eliminasse

As “impropriedades” de *El Expolio*,
inspirado no Evangelho apócrifo de Nicodemos,
texto não recomendado pelo Concílio de Trento.
O pintor maldito conquistou a simpatia da nobreza,
com as imagens da procissão funerária,
em que o Conde de Orgaz fora conduzido ao sepulcro.
Mas o rei de Espanha fechou as portas da Corte
ao pintor apátrida, quando viu o jovem pintado nu,
na estampa do *Martírio de San Mauricio*.
Os frades negaram ao Greco uma lápide
na capela dos *Señores de Gomara*,
o derradeiro querer de sua vida de desenganos.

LUÍS VAZ DE CAMÕES,

HERÓI E POETA

Camões, o pastor dos campos do Mondego,
recitava, de improviso, sobre qualquer mote
que as damas graciosas da Corte propusessem.
Ao empíreo elevou os sentidos,
tocados pela delicada infanta Dona Maria.
Zeloso do dote da irmã, o rei Dom João III o enviou a Ceuta,
onde o poeta recebeu, no olho direito,
o estilhaço de um disparo da frota barbaresca.
Com uma pala negra recobrando a vista e a cruz da espada à mão,
ao espelho do Tejo regressou.
Um mover brando de olhos via nos páramos incendiados
da lembrança daquela
que no céu guardava o seu formoso gesto de ternura.
Gonçalo Borges, arrieiro de Dom Manuel, o insultou,
na Porta de Santo Antão, durante a procissão de Corpus Christi.
No duelo, o atrevido cafajeste foi ferido pelo poeta.
Deplorando a desonra,
nove longos meses padeceu Camões na masmorra,
até que, mediante o pagamento de quatro mil réis de multa,

embarcou para a Índia,
nos porões da primeira armada que zarpou do Tejo.
Cruzou o bramido dos ventos indômitos,
na mais atribulada provação.
Em Goa, sujeito à tirania dos patrões
e diante da miséria dos párias,
sofreu danos perigosos, na peleja contra os reis pagãos.
Viveu dias tristes, de trabalho, ira e dor.
Aturou fidalgos vilões e analfabetos.
Combateu os sicários do rei da Pimenta.
Exercitou o estro no *Auto de Filodemo*.
Em Macau, nomeado provedor das famílias dos defuntos,
recolheu-se a uma gruta, à beira-mar,
para polir as joias de *Os Lusíadas*, o seu tesouro épico.
Num naufrágio, nadou em desespero até os charcos do Camboja.
Tragaram-lhe as ondas a graciosa Dinamene.
Invejosos biltres o caluniaram no regresso a Goa.
Para responder por dívida inexistente,
foi trancafiado na masmorra.

O Vice-Rei Constantino de Braga expediu alvará de soltura
e o remunerou com duzentos réis.

No paroxismo daqueles dias aziagos,
os originais do livro *Parnaso* desapareceram.

Diogo do Couto resgatou Camões
da desventura aspérrima de Moçambique.

Na proa da caravela Santa Clara,
o poeta viu, outra vez, a *cidade das colinas*.

Dezessete anos somavam os dias da difícil ausência.

Na calçada de Sant'Ana,
conseguiu o beneplácito dos inquisidores
para a edição da sublime epopeia, com lágrimas escrita.

JUAN DE LA CRUZ,
EL SANTO ENAMORADO

*Los huesos quebrantan en la cartuja celda.
Para gran luz, arrodillado,
los prados esmaltados adoraba.
Es que en Macera se dejó ver Ana de Jesús.
Era de Medina del Campo la Reina.
Su estar presente embelesaba.
Trece meses fuera Juan de Yepes rector de Alcalá.
El alma se le bajó al fondo de sí.
El Vicario General lo manda prender,
y lo azotan con látigo en Toledo
para en su espalda escribir la reforma.
Le hicieron vestir a fuerza el paño de los calzados.
Lleno de gusanos y piojos, acostado al suelo,
soñaba con la que iba por ínsulas extrañas.
Flagelaciones no podrían con su obstinación.
Nueve meses en la mazmorra padeció.
La frente en el suelo tenía, cuando el prior entró,
rebotando el pie contra su cabeza.
En Beas de Segura, acogido por Ana de Jesús,*

*contempla las colinas, a la sombra de los olmos.
En Baeza, inmóvil queda,
con el cáliz en sus manos,
como si la misa hubiese concluido.
A la monja va a confesar, la encuentra enferma,
y le canta un villancico de amores.
Quería ser menospreciado, y tenido en poco.
Bajo los árboles, insomne, absorto,
mientras los bosques miraba,
vinieron a hablarle de asuntos mundanos.
Dejémonos de baratijas y hablemos de Dios, contestó.
El vicario Doria lo consideró un obstáculo.
Diego Evangelista no cesaba de amonestarlo en público.
Sería mandado a Méjico, a convertir indios.
Lo echaron a la serranía, en la Peñuela.
De rodillas, escribió:
No se habrá librado la madre Ana de Jesús de mis manos.
No morirá con esa lástima:
no se le acabó la ocasión de ser muy santa.*

CERVANTES,
EL INGENIOSO HIDALGO

*Por haber en duelo herido a un tal Antonio de Sigura,
le quieren cortar la mano.*

Se hace fámulo del cardenal Acquaviva.

Era el rostro aguileño de un espectro armado.

Sale, con temerario empeño, a enderezar entuertos.

En Lepanto, arremetió contra la endiablada canalla.

Pecho herido y mano rota

fueron hazañas de la más alta ocasión.

En Nápoles, embarcóse en una galera

que los piratas berberiscos rapiñan.

De cadenas maltratado en Argel,

oculta en una gruta a los fugitivos,

esperando fragatas invisibles.

Los galeotes con piedras lo agradecen,

y a punto estuvo de ser ahorcado.

Atado con duros hieros,

solo le queda alabar el heroísmo de los mártires.

Sus hermanas sacrifican sus dotes.

Su madre se hizo pasar por viuda

*para provocar compasión.
Tras cinco años a golpe de martillo,
los trinitarios lo han devuelto a sus cantares de aldea.
Montando en mula de alquiler,
para la Armada trigo recogía.
Por letras de cambio se metió en líos,
dando en Écija con la excomuni3n,
cuando embarg3 el trigo de los can3nigos.
Encarcelado en Sevilla,
por malversaci3n de sus jefes,
ungüento le falt3 para untar al magistrado.
Solicita trasladarse a las Indias.
Con aquel busque por acá, se le niega la merced.
Su patrimonio desapareci3 con Sim3n Freire.
Sigui3 la corte hacia Valladolid,
para compensarse por lo sufrido.
Se encontr3 con Gaspar de Ezpeleta,
acuchillado a la puerta de su casa.
El criminal era el sicario de un cornudo.*

*Pero el alcalde echó la culpa al hombre que escribía.
Se le veía con barbas de plata, cargado de espaldas.
En lóbregas chozas, esclavo del Santísimo,
escuchaba los ladridos de los santos canes.
Con armas inservibles, a cada paso era víctima de pullas.
Polemizó con Lope en el mentidero.
Hidalgo de maltrechas ilusiones,
de no haber sido un héroe,
al desprestigio no lo hubieran relegado.*

GALILEU

E O CORAÇÃO DO UNIVERSO

Que o Sol é o coração do universo
atestou Galileu, o professor,
declarando um sistema bem diverso
dos saberes do Padre Inquisidor.
O Papa Urbano VIII foi-lhe adverso,
como se o sábio fosse um malfeitor,
ou, talvez, um luterano confesso;
De amigo seu tornou-se um opressor.
Para não ser torrado na fogueira,
o jeito foi negar o que sabia.
No ostracismo, amargou dura porfia.
Mas voltou a defender a bandeira
de que a Terra pra sempre giraria
ao redor do astro rei – rutila esteira –
nos orbes que a natureza irradia.

ESPINOSA

E O INFINITO DAS COISAS INFINITAS

O polidor de lentes de Amsterdam,
que divergiu dos dogmas do rabino
e se evadiu da corja cortesã,
que adulava o eleitor paladino,
forjou uma filosofia sã,
dizendo os atributos do divino.

Dotado de um prodigioso afã,
límpido como o clarão matutino,
arauto e tesoureiro do saber,
Espinosa, em axiomas, nos fez ver
o infinito das coisas infinitas.

Essências das verdades inauditas
da Natureza imanente do Ser
mostrou em suas reflexões benditas
(com a mente unida à fonte do Poder).

GIORDANO BRUNO,
MÁRTIR DA LIBERDADE DE PENSAMENTO

Giordano Bruno tinha estatura média,
barbas castanhas, olhos expeditos e voz grave.
Aos quinze anos de idade, saiu de Nola
para o Convento de *San Domenico Maggiore*, em Nápoles.
Retirou da parede da cela as imagens dos santos,
deixando apenas o crucifixo.
Confessou não haver entendido o mistério da Santíssima
[Trindade.
Criticava os monges que não liam as vidas dos Santos Padres.
Os frades se inquietavam com suas atitudes.
Suportou, por treze anos, a vida reclusa, até iniciar sua
[peregrinação.
Foi primeiro ao Convento de Minerva, em Roma,
de onde saiu para o de Pádua,
onde lhe negaram o direito de retomar os hábitos
sem permanecer recluso.
O professor Antoine de la Faye
o expulsou da comunidade protestante de Genebra.
O magnânimo rei francês Henrique III leu *Dei predicamenti di Dio*

e quis conhecer o teólogo
que dissertava a respeito dos *Trinta Atributos Divinos*.
Em Oxford, os anglicanos o reprimiram
pela cosmografia audaciosa dos infinitos mundos.
Giordano satirizou aqueles *pedantes heréticos*
que insistiam na justificação pela fé, em detrimento das boas obras.
Em Praga, o monge filósofo recebeu de Rodolfo III trezentos táleres,
após discorrer acerca do princípio eficaz da Natureza.
Entusiasmado com a cultura humanista do pensador
que celebrava o frenesi da vida intelectual,
Mocenigo o convidou a Veneza,
para que lhe ensinasse a arte de memorizar
e o denunciou ao Padre Inquisidor.
Tinha Giordano Bruno quarenta anos,
quando foi levado ao cárcere de *San Domenico di Castello*,
onde padeceria duríssimos dias e noites.
Declarou-se culpado e afirmou crer nos milagres do Cristo.
Lamentou que a excomunhão o tivesse impedido de frequentar
[a missa.

Pediu perdão às ilustríssimas Senhorias e suplicou castigo
que pudesse lavar a honra dos hábitos sagrados da religião

[que professara.

Irresoluto, o Tribunal de Veneza o remeteu ao Tribunal de Roma,
onde o Cardeal Sanseverino não tolerava inovadores.

Negaram-lhe a petição de confessar-se diretamente ao Papa

[Clemente VIII.

Na sucessão de 20 interrogatórios,

o Cardeal Roberto Bellarmino o acusou de fazer apologia da

[reencarnação

e de acreditar na salvação dos diabos.

Coberto de andrajos, na umidade escura do calabouço,

Giordano recusava o pão azedo

que o carcereiro deixava na estreita abertura.

Falava nervosamente e caía em delírio.

Alçado a uma roda, com os punhos amarrados

e os braços puxados por cordas,

negou-se a aceitar as culpas que lhe atribuíam.

No horror do suplício,

disse que os monarcas aprenderam com a Igreja
a usar a fé como instrumento de poder.

– Eis um homem semelhante a um exército de bárbaros!
– esbravejou um dos verdugos.

Ao fim de sete anos de cativo,
os teólogos o condenaram à morte na fogueira,
por inimigo da santa fé, apóstata reincidente e herege pertinaz.
Na manhã fria e nebulosa de 8 de fevereiro de 1600,
os embuçados empurraram Giordano Bruno,
com violência, ao cadafalso,
em *Campo dei Fiori*, onde seria queimado vivo.
O sangue lhe escorria pela boca,
em decorrência do atrito da mordança com as gengivas e os lábios.

CARAVAGGIO,
DEVASSO E RELIGIOSO

Aceso per la forza d'un bel viso,
descarado, impudico e imoral,
Caravaggio elevou ao paraíso
a bela turbamulta marginal.

Em São Luis dos Franceses, no umbral,
pintou um São Mateus, de improviso,
e a maldosa Gorgona sem juízo
para Del Monte, o astuto Cardeal.

Inclinado à volúpia que seduz,
fugiu de Roma como criminoso.
Pintou, em contrastes de sombra e luz,

o que há no mundo de mais tenebroso,
e o martírio dos santos de Jesus.
Foi marginal, devasso e religioso.

ROBERT FLUDD,
TERAPEUTA HOLÍSTICO

Robert Fludd, médico do *Royal College of Physicians*,
discorreu sobre a ciência dos alquimistas rosa-cruzes,
para rebater as acusações de heresia,
que lhe foram imputadas
pelo reverendo Merseno:

*– É da natureza humana elevar-se como chama
em direção às altas regiões do ar.*

O delator levou suas denúncias ao Rei James I.

O médico falou, então, ao monarca inglês,
a respeito dos sagrados números
que unem os elementos cósmicos
ed as propriedades ocultas de todas as substâncias.

James I compreendeu
o simbolismo da rosa de luz,
forma adotada pela alma-personalidade
que se transfigura,
ao receber do Sol as musicais órbitas planetárias.

O Pastor Foster acusou Fludd
de diagnosticar segundo a Astrologia,

praticar a feitiçaria e criar unguentos mágicos.
O terapeuta holístico atestou que,
pela sublimação alquímica,
o microcosmo humano
regressará às águas primordiais
do macrocosmo infinito.

MATSUO BASHÔ,

O PEREGRINO MESTRE DO HAICAI

Aos quarenta anos,

Bashô partiu de sua choupana em Ueno

e nunca mais teve residência fixa.

Foi a Kyoto ver as pétalas que o vento lança no lago Biwa.

Peregrinou ao Monte Yoshino, ao sul de Nara,

para contemplar as cerejeiras florescidas.

Envolto em solidão e desamparo, cruzou perigosos

precipícios.

Caminhou, longamente, às margens do rio Oi.

Pernoitou, insone, na Casa dos Caquis Caídos.

As noites frias embranqueciam-lhe o cabelo.

Partiu de Edo a Honshu,

pelas margens dos pântanos, com o companheiro Sora.

Em Fukushima, dormiu numa tapera e desmaiou de dor,

depois de uma noite em claro, picado por mosquitos e pulgas.

Recordou longamente a lua que se deixou ver no porto de

[Tsuruga.

Rastejou, nas rochas da encosta íngreme,

até o Pavilhão da Luz do Templo Chusonji,

onde escutou, à noite toda, o vento esvoaçar nos salgueiros.
Estações, vilarejos e santuários surgiam
no transbordamento das visões e no relevo das ilhas superpostas.
Se morresse nas estradas, seria por vontade do Céu.
Ao longo de dez anos de extenuantes aventuras,
forjou-se o semblante do *Velho Mendigo*.
Um peregrino que renunciava ao mundo material
e insistia em seu itinerário nômade,
cultivando a impermanência de tudo.

GREGÓRIO DE MATOS,
O BOCA DO INFERNO

Da canalha mordaz castigador,
com seus solenes putas-que-os-pariu,
Dr. Gregório, o Desembargador,
desmascarou a escória do Brasil.

“Sem modos de cristão” – disse o Prior,
para mandar o esbirro do alguazil
desterrar a Angola o educador,
e reduzi-lo ao triste desvario.

Boca do Inferno, como foi chamado
o primeiro poeta brasileiro,
das mulatas fez-se useiro e vezeiro.

Às partes delas deu-se por inteiro.
Depois, fez-se devoto do sagrado
e consagrou-se à luz do apostolado.

VIVALDI,
O ORFEU DE VENEZA

Era entre crises de asma que Antonio Lucio Vivaldi,
o jovem do *Sestiere di Castello*,
repetia o monótono ritual da missa.
Nomeado professor de violino das órfãs do *Ospedale della Pietà*,
consagrou-se com *Juditha triumphans*, no *Teatro San Moisè*,
e com *Orlando Furioso*, no *Teatro Sant'Angelo*.
Em Roma, tocou violino nos aposentos pontifícios
e escreveu salmos para a Basílica de *San Lorenzo in Damaso*.
Compôs as *Quatro Estações*
na viagem em que percorreu Viena, Amsterdam, Mântua e Verona:
as imagens sonoras brotavam em solos de violino.
Arsilda, *Regina di Ponto* e *L'Incoronazione de Dario*
tiveram cenários do fabuloso Canalleto.
Carlo Goldoni e Metastasio o ajudaram, com a verve de libretistas,
a conquistar a fortuna de duzentos ducados por ópera.
Viajava com a soprano Anna Girò, sua melhor aluna,
morena de olhos verdes e cintura torneada,
apodada de *L'Anima del Prete Rosso*.
Ignorou a mordacidade do compositor Benedetto Marcello,

cuja música não primava
pelos saltos de oitavas nas sonatas em trio.
O imperador Carlos VI o recompensou,
pela dedicatória dos doze concertos de *La Cetra*,
com a medalha de Cavaleiro do Reino Austríaco.
Semiramide foi representada em Mântua,
e *La Fida Ninfa*, em Verona.
Por invejar sua amizade com Anna Girò,
o Cardeal Tomaso Ruffo o proibiu de entrar em Ferrara.
Indiferente aos ataques, o sacerdote da música
era o compositor de vivíssimas melodias,
de inebriante sentido harmônico.
Deleitava as cortes europeias
com a polifonia das cordas e dos sopros
nos concertos de *ritornellos* modulados.
Depois da cantata alegórica,
com que homenageou o Príncipe-Eleitor de Saxe,
Vivaldi arriscou tudo em Viena.

Vendeu a mobília e partiu, sem a companhia de Anna Girò.
Menos de um ano residiu na Capital austríaca:
uma bronquite asmática
o matou aos sessenta e três anos de idade.

GIACOMO CASANOVA,
O FESCENINO

Além da forja vítrea de Vulcano,
jaz a *Chiesa degli Angeli*, da freira
que Casanova impressionou de engano,
levando-a na sua barca sorrateira.

O sedutor galã foi a Murano,
não para meditar na sua ribeira.
Chegou veloz, qual bóreas, minuano;
resgatou do convento a companheira.

Tarado por mulher, o velho esteta
trocava antifona por bela teta,
dos arcos de San Marco ao monastério.

Fescenino de notável critério,
sucumbia às paixões e, nada sério,
se derretia por uma ninfeta.

JOHANN SEBASTIAN BACH

E SEUS PRODÍGIOS MUSICAIS

Diretor de Orquestra em Weimar,
Bach inventava fantasias de sonora matemática espiritual.
Lançava no ar a coloratura das vozes
e colhia o arcano da polifonia.
Celebrou as festas do espírito com um rosário de cantatas,
transidas de emotividade,
pulsando na fusão dos sons entrelaçados.
Um pastor pusilânime, um aluno truculento
e um reitor insolente o desprezaram.
Os verdadeiros diletantes de suas puras tonalidades,
inebriados, suplicavam-lhe para que continuasse tocando,
depois dos sagrados ofícios canônicos.
Disseram que aquele *Jesus, alegria dos homens, da Cantata 147*,
foi composto para que os pássaros
desfrutassem o êxtase das notas sobrenaturais.
Numa atitude extrema, o duque Wilhelm Ernest
o prendeu, por um mês,
no castelo, quando ele optou por deixá-lo
para servir ao príncipe Leopold, em Anhalt-Köthen.

Depois da morte de sua primeira esposa,
Maria Bárbara, e de três de seus sete filhos,
Bach abismou-se no estudo
e escreveu a pungente *Chacona, da Partita Nº 2,*
para solo de violino, em Ré Menor;
água lustral de reconfortante alento.
Bálsamos derramou nos magnéticos
Concertos de Brandemburgo,
refrigérios auditivos, remansos dinâmicos.
Com sua segunda esposa, Anna Magdalena,
treze filhos teve o autor do prodígio inexorável
que é *A Paixão Segundo São Mateus,*
de encantatórias proporções acústicas.
A cegueira interrompeu-lhe a indômita invenção,
que, em pouco tempo, a morte arrematou.

MOZART,

O EXORCISTA DAS ATMOSFERAS RESSONANTES

Sob a chuva e a neve,
Ia, de palácio em palácio, de igreja em igreja,
o *maestrino* Amadeus Mozart,
vivaz e alegre, com o pai e a irmã,
inventando acrobacias musicais.
Infante-adulto, aplaudido pelo Papa
e pelos reis da Europa,
o rapaz risonho era um alquimista dos timbres,
que transmutava os *allegros* em raios de sol.
Entretanto, em Salzburg,
Mozart foi expulso, com insultos e pontapés,
por Colloredo, o novo Arcebispo,
que sempre o perseguiu e humilhou.
Contudo, até o implacável Salieri
aplaudiria o coro bem-aventurado da *Flauta Mágica*.
Mozart enterneceu Joseph Haydn
com as filigranas energéticas,
de límpidos encadeamentos e trinos,
dos seis *Quintetos de Corda*, a ele dedicados.

O ambiente boêmio fez de Mozart seu ídolo.
Dias taciturnos turvaram, porém,
a irrefreável alegria do gênio:
a morte de seu pai, Leopold Mozart,
seu *alter ego* e confidente,
impregnou-lhe a alma de signos trágicos.
O *Concerto em Si Bemol Maior*,
dedicado ao Imperador Leopoldo II,
não lhe valeu o desejado título de *Mestre de Capela*.
Não viu estreada a *Sinfonia Júpiter*,
de majestoso contraponto,
na fuga de modulações fulgurantes.
Pedi dinheiro a agiotas para alimentar os filhos.
Teria sido o Conde Walsegg,
cuja esposa havia falecido naquela ocasião,
que, incógnito, em noite aziaga,
encomendou-lhe um *Réquiem*.
Por fatalidade, Mozart compôs a liturgia,
serena e dolorosa,

com a mesma ternura consternada
de *Ave Verum Corpus*,
para ser cantada em homenagens fúnebres
que foram prestadas a ele próprio.

BOCAGE

Bocage, o profusor da picardia,
deixou Setúbal numa arremetida.
Teceu, em pós de Goa, a fantasia,
no leme da nau Senhora da Vida.

Escravo de uma sorte perseguida,
frequentou as tabernas da orgia.
O cárcere, por culpa imerecida,
sofreu da peçonhenta confraria.

Tenente de Infantaria em Damão,
desertou e fugiu para Macau.
Ironizou a corja e seu bufão.

Disse das brasas da crica e do pau,
dos transe da certeza mais fatal,
e lastimou a desesperação.

HOLDERLIN

Holderlin, em delírio, concebia
os Alpes prateados como altares.
Tanto se dedicou à poesia,
que fez dos deuses seus sublimes pares.

Com paixão férvida e neurastenia,
sentiu a Grécia em todos os lugares.
Foi oráculo da mitomania.
Para Diotima fez seus cantares.

De Empédocles lhe veio todo o empenho,
começado na vida anterior.
Foi apenas um doido preceptor,

conquanto demonstrasse o desempenho
de um mago celestial superior,
das benesses de Deus merecedor.

GOETHE

Dentre os bardos egrégios superiores,
Goethe brilhou nas indeléveis cenas
De Weimar, onde acendeu os alvares
exuberantes de uma nova Atenas.

Na ribeira do Reno colheu flores,
encantador de louras e morenas.
Teve do príncipe os altos favores,
mas pediu férias ao gentil mecenas

para ir berber na fonte da beleza
na Itália, e nos Alpes, da natureza
contemplar os vegetais e o poente.

Morto Shiller, lagoas de tristeza
chorou, tendo o consolo complacente
dos braços de alguma moça indulgente.

BEETHOVEN,
O ORÁCULO DA MÚSICA

Disposto a qualquer sacrifício
para mostrar sua verve indômita ao mundo,
Beethoven encantou Mozart
e os figurões da *Singakademie*
com suas sonatas de múltiplos compassos.
O príncipe Lichnowsky
pagou-lhe seiscentos florins anuais
pelo prazer contemplativo
que aquelas texturas mutáveis,
tecidas no piano com vigor e ternura,
proporcionavam-lhe para o bem da sua saúde.
O conde de Waldstein não poderia prescindir
do endiabrado músico
de gestos grosseiros, cabelos desgrenhados,
que transfigurava em sons os sentimentos.
A bela Condessa Giulietta Guicciardi
recompensou o compositor,
com uma noite libidinosa,
quando recebeu a dedicatória da *Sonata ao Luar*.

Boêmio, que trajava roupas amarfalhadas,
Ludwig Van Beethoven se apaixonou
por Josephine Deym,
mas ela não renunciaria à sua origem nobre
para unir-se a um plebeu.
O homem tempestuoso,
que inventava surpresas rítmicas e melodias álacres,
contraiu tifo e teve a audição afetada.
Já prestes a mergulhar no silêncio total,
modulou a *Quinta Sinfonia*, de garra pletórica,
extravasando relâmpagos na linha melódica.
Nas fontes de Heiligenstadt,
diante verdes inflorescências,
compôs as transições de violinos em contraponto,
da alegre e etérea *Sinfonia Pastoral*.
Aquele misantropo era um surdo,
um sofredor que bebia nas tabernas
e inventava um sonoro carrossel
de expectativas mirabolantes.

Com gigantesco afã de criação musical,
dava voltas em torno da cidade, em passos rápidos,
cantarolando e anotando os signos acústicos.
O êxtase erótico da lindíssima Bettina Brentano,
ex-namorada de Goethe,
inspirou-lhe a *Sétima Sinfonia*,
placidez alerta, suave dança,
até o turbilhão das trompas altivas.
Abalado por tormentos digestivos
e colapsos nervosos, regeu a *Nona Sinfonia*,
de maviosos tímpanos intermitentes.
Enquanto o coro entoava o *Hino à Alegria*,
poema de Schiller que ele musicara,
Beethoven sacudia os pés e as mãos,
feito um doido,
sem ouvir os frenéticos aplausos
que o ovacionavam
no Teatro da Porta Caríngia.

ALLAN KARDEC,
O CODIFICADOR DO ESPIRITISMO

O druida Allan Kardec
irradiou na mente do Dr. Hyppolyte-Léon-Denizard Rivail
aluno de Pestalozzi,
a ideia de estudar os fenômenos espirituais.
Rivail adotou, como pseudônimo,
o nome do antigo oficiante celta,
que acreditava ser sua encarnação anterior.
Kardec provou que os espíritos invisíveis,
por sua energia vibratória,
manifestam-se na mente dos médiuns.
E, para consolar os que sofrem
e erguer os decaídos,
criou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.
Compilou, com adeptos leais, em sublime literatura,
os ensinamentos dos espíritos luminosos,
pelos quais codificou a doutrina espírita.
Profetizou o fim dos males da humanidade,
quando a moral estiver tão desenvolvida
quanto a inteligência.

Exortou os homens ao trabalho de purificação,
pela solidariedade cooperadora,
na íngreme travessia
das progressivas reencarnações.

NERVAL,
POETA ITINERANTE

Boêmio e noctâmbulo impenitente,
Gérard de Nerval escrevia em transe,
deambulando.

No café Le Divan, na Rue le Peletier,
bebia o licor da saúde.

No mercado dos pássaros,
conversava com os papagaios.

Viajou à Itália, andarilho apaixonado
por todas as beldades que avistou,
e que o fizeram lembrar-se de Jenny Colon,
a santa do abismo, a flor do desespero.

Diante de um precipício,
quis pedir contas a Deus,
inconformado com as condições
da existência humana.

Certa noite, saiu nu pelas ruas,
anunciando que viajaria ao Oriente.

Falava excelentes versos todos os dias,
durante a *febre quente*, que alegava sentir:

uma psicose que o levara a internar-se
na Clínica do Dr. Blanche.
Adquiriu uma serva javanesa no Egito.
Por pouco não se casou
com a filha de um Sheik, no Líbano.
Com o pintor Camille Rogier,
viu as luzes grandiosas do Ramadan, em Constantinopla.
Novamente internado,
na Maison Dubois, por fadiga intensa,
saiu do hospício, logo depois viajando
à Holanda e à Bélgica.
Uma bizarra exaltação nervosa
o arrastou de volta à clínica do Dr. Blanche, em Passy.
Escreveu alucinações à musa Jenny Colon,
morta precocemente.
Pensou em matar-se, na Place de La Concorde,
numa noite em que viu as estrelas se extinguirem,
feito as velas de uma igreja,
e surgir um sol negro no céu deserto sobre Tuileries.

Num fim de tarde, em janeiro de 1855,
Nerval enviou bilhete à sua tia, Madame Labrunie,
avisando que não o esperasse para o jantar,
porque a noite seria *noire et blanche*.
E se enforcou num poste da Rue de la Vieille-Lanterne,
aos quarenta e sete anos de idade.

BALZAC

Balzac é comparável aos Titãs.
Tomado de ambição árdua, ferrenha,
em Paris, nos salões das cortesãs,
a buscar a riqueza ele se empenha.

Se a marquesa nas noites o desdenha,
a condessa o corteja nas manhãs.
Uma mina de prata, na Sardenha,
foi delírio de seus doidos afãs.

As despesas e uma dívida imensa
Foram objeto da Comédia Humana.
Tudo apostou em Hanska, a ucraniana.

Ele a quis como extrema recompensa.
Dezesseis anos tarda a espera insana
e a morte o surpreendeu na luta insana.

BAUDELAIRE,
CORAÇÃO ABISSAL

Cruzando as pontes,
em direção aos cafés de Châtelet,
Charles-Pierre Baudelaire
contemplava as nuvens do céu lívido.
Saboreava êxtases vagabundos nas tabernas.
Despachado por navio para Calcutá
pelo padraço, general Jacques Aupick,
brigou de murros com um marujo
que maltratava um albatroz,
capturado pela tripulação.
Na ilha Maurício, entreteve-se
com os encantos de uma dama crioula.
Às margens do Sena,
fundou – com Gautier, Nerval e Balzac –
o marginal Clube dos Haschischins.
Com elixires inebriantes
e a lânguida vertigem dos violinos,
aliviava o fardo do Tempo.
Sob o teto de bruma noturna,

sondava os vestígios do passado luminoso.
Patrocinava suntuosas festas,
tinha o gosto do luxo bizarro.
A família lhe tutelou os recursos.
Angustiado pela pressão dos credores,
enfermo de sífilis,
tentou matar-se com uma facada no peito.
Desmaiou e foi socorrido por Jeanne Duval,
a musa haitiana.
Pedi piedade a Satã.
Durante a insurreição
contra Luís Filipe de Orléans,
pediu a gritos, entre as trincheiras,
o fuzilamento do general Aupick.
Entre as descargas dos fuzis,
desafiou a ditadura do sobrinho de Napoleão.
Suas flores espúrias,
pelas quais os censores
lhe arrancaram trezentos francos de multa,

encantaram o mestre Victor Hugo.
Escreveu poemas eróticos a Apollonie Sabatier,
cortesã dos salões parisienses,
e à atriz Marie Daubrun,
ardentemente aplicada na cama.
Poeta maldito, adentrou os portais do inferno,
inoculado pelo veneno da existência.

CASTRO ALVES,
O POETA DA LIBERDADE

Antônio Frederico, que levava o carinhoso apelido de Cecéu,
era um menino introspectivo, que escutava, solitário,
o murmúrio da água e contemplava as estrelas.
Adolescente sonhador, à claridade da lua,
enamorado-se de Leonídia Fraga,
moça mais bela que as açucenas de Muritiba.
Cantou serenatas nas noites azuis de Salvador.
Aos dezesseis anos, com verve eloquente,
dominou as plateias dos recitais no Recife.
Residiu no bairro de Santo Amaro,
amasiado com a terna e amorosa Idalina,
que tocava piano, enquanto ele compunha
as delicadas expressões de sua inspiração sentimental.
Recebeu, como hóspede, na cidade das pontes,
o amigo Fagundes Varela, autor do *Cântico do Calvário*,
o ídolo paulista que herdara o prestígio de Álvares de Azevedo.
Castro Alves, profeta da esperança, anunciou,
no salão de honra da Faculdade de Direito do Recife,
a aurora da Abolição e derrotou,

em duelo poético, o erudito Tobias Barreto.
Sua voz retumbava nas praças – panfleto revolucionário –,
vergastando o lombo dos tiranos.
Frente ao espelho, exclamava, gracejador:
– Tremei, pais de família! Don Juan vai sair! –.
Perdeu o ano na Faculdade
e voltou à Bahia com os pulmões inflamados.
De olhar profundo, testa larga,
cingida pela ondulada cabeleira negra, e olhos reluzentes,
bebia a seiva do porvir: arauto da fraternidade humana.
Era impossível resistir ao magnetismo do poeta
que defendia as causas humanas e a solidariedade social.
Leu *Gonzaga*, no Teatro Santa Isabel,
em louvor do poeta inconfidente,
e os homens ilustres
cingiram-lhe a fronte com uma coroa de louros.
Sentia o dom do gênio:
nascera com o talento gravado na memória.
E era um perito enfeitiçador de moças.

Ainda no Recife, ele foi ao camarim da atriz Eugênia Câmara, disse-lhe um galanteio, enlaçou-a pela cintura, beijou-a com arrebatada volúpia e a levou noite afora. Naqueles dias venturosos, cantou as brisas forasteiras do arrebol, e recitou, no camarote do Teatro São João, as estrofes da *Ode ao Dous de Julho*. Castro Alves contemplou longamente as campinas em flor, antes de partir com Eugênia para conquistar o Sul. Mostrou, no Rio de Janeiro, o fruto do seu estro a José de Alencar e a Machado de Assis. Os mestres recomendaram aos jornais a sua poesia, de impetuoso estilo, que lhes tocara a sensibilidade de artistas da palavra. Declamou o poema *Pesadelo de Humaitá*, da sacada do Diário do Rio de Janeiro, perante a multidão que celebrava a vitória do Brasil na Guerra do Paraguai. Matriculou-se na Faculdade de Direito, em São Paulo, e leu *O Livro e a América* para professores e colegas.

Recitou, na sessão magna do Ateneu Paulista,
os doloridos cantos de *O Navio Negreiro*,
que comoveu os intelectuais presentes,
entre os quais Rui Barbosa e Joaquim Nabuco,
que se tornaram seus admiradores incondicionais.
Com sonoridade de epopeia,
abominou a bandeira
que serve de mortalha aos míseros escravos.
Era preciso varrer da terra a ignomínia da escravidão.
Em São Paulo, luar de amor, namorou Maria Carolina,
a formosa pepita, sobrinha de Álvares de Azevedo,
e carregou na alma seu rastro de perfumes.

– Prendi-me num laço de fita –.

Cantou o crepúsculo tropical
e a harmonia que embalsama os ares:

– Nos lábios dos horizontes, há um riso de luz.

É Deus – pronunciava o perdulário do êxtase.

O rompimento com Eugênia Câmara o entristeceu tanto,
que ele se meteu em caçadas, nos ermos das matas

e, ao pular uma vala, a espingarda, que trazia a tiracolo, disparou e o feriu no pé esquerdo.

O poeta sofreu o martírio da operação, sem anestesia, para que lhe arrancassem os grãos de chumbo do calcanhar.

No auge da mais exitosa consagração, presentiu a morte

e lamentou perder o chão de primaveras da existência.

A tuberculose o atormentou, com a tosse e a hemoptises.

A ferida tornou-se em abcesso e gangrenou.

– Ficarei com menos matéria do que o resto da humanidade! –

Exclamou, suportando a dor cruciante,

quando os médicos lhe amputaram o pé.

Apaixonou-se, sucessivamente, pelas lindas moças

que lhe consolaram as dores,

durante a convalescença, no solar do Sodré.

Murmurou, ao ouvido de Maria Cândida Garcez,

a rosa de meiga fragrância:

– Dá-me em teus seios um asilo brando! –

Eulália Filgueiras também sucumbiu

aos galanteios do espirituoso enfermo.
Foi, numa noite, apoiado nas muletas, rever Eugênia,
no Teatro Fênix Dramática
e dela despediu-se na cama dos amores.
Aleijado e alquebrado, regressou ao sertão da Bahia,
anunciando a edição de *Espumas Flutuantes*.
Encantou-se com a italiana Agnese Trinci
e quis viajar a Sorrento, com aquela loura, filha do Adriático.
Teve ainda forças para promover os derradeiros recitais,
nas horas de alento que lhe restaram na mansão paterna.
Castro Alves passou por esta vida
qual meteoro – relâmpago fascinante!
Bardo compositor de orações como gritos de desespero.
Pálido, febril e despossuído de toda esperança,
viveu os dias atrozes da despedida.
Tinha o leito voltado para a janela,
quando disse adeus à vida,
olhando a luz do infinito azul.

DOSTOIÉVSKI

Por detestar o que é nocivo e falso,
passou por um vexame horripilante;
Dostoiévski, ao subir ao cadafalso,
foi indultado no último instante.

Padeceu, andou no gelo descalço,
na siberiana masmorra humilhante.
Escreveu uma obra que realço,
como a abelha faz mel, com Deus mediante.

O drama dos Irmãos Karamazov,
A história de Aliocha, o Idiota,
Os Demônios, cuja insânia denota,

O Jogador, cuja angústia comove,
Crime e Castigo de Rascólnicov;
narrou com o dom que do coração brota.

RAMAKRISHNA E SUA INICIAÇÃO

Desde a infância, em Kamarpukur,
sentia êxtases místicos Gadadhar.
Aos sete anos, o desencarne de seu pai
tornou-o um menino solitário,
atraído pelos cantos sagrados dos peregrinos.
Viveu seis meses em absoluta comunhão
com o Brahman absoluto,
sem saber o que era noite nem dia.
Banhado em lágrimas,
os cabelos cobertos de poeira,
sentou-se para contemplar o Paramatma,
e compreendeu a expansão
sem margens do amor.
O supremo nome adotou de Ramakrishna.
Fundou, em Dakshineswar,
o templo de Kali, a Mãe Divina,
cujá presença sentia
como um oceano de ondas esplêndidas,
no qual imergia, sacudido por espasmos.

Entrava em *samadhi*,
toda vez que entoava os *kirtans*.
Em Vrindavan, viu Krishna em cada pastor.
Chorou, perante os pobres de Deogarhe Benares.
Levava os próprios alimentos e roupas
para consolar aqueles flagelados sofredores.
Queria fundar uma religião universal.
Os discípulos o amparavam nos transes,
em que declarava ver Deus em todos os homens.

CRUZ E SOUSA,
O CISNE NEGRO

Quando morreu o seu ex-patrão e pai adotivo,
Marechal Guilherme Xavier de Sousa,
o menino João da Cruz e Sousa,
nascido no Desterro e filho de ex-escravos,
deixou o Ateneu Provincial
para lutar pela sobrevivência.
Nem caixeiro de secos e molhados
deixava-o ser a sociedade opressora.
Cresceu, sublimando pesadelos.
A elite branca sulista desdenhava do rapaz,
de feições esculpidas em ônix,
que recitava no teatro Santa Isabel
e se tomava de amores pelas louras.
O Dr. Gama Rosa, Presidente da Província,
nomeou Cruz e Sousa Promotor Público.
Os fidalgos preconceituosos não consentiram
que ele tomasse posse do cargo.
O populacho enxovalhou o poeta
nas ruas de Laguna.
Embora se tornasse

Redator-Chefe do jornal *O Moleque*,
Cruz e Sousa não recebia convites,
para as festas elegantes,
porque era um crioulo, um filho d'África.
Arrastou, pelo Rio de Janeiro,
o flagelo do seu estigma.
Fechavam-lhe as portas as castas prepotentes.
O poeta Emiliano Perneta
arranjou-lhe um emprego,
cujos parcos cobres
não lhe permitiam frequentar os ambientes burgueses.
O abolicionista José do Patrocínio
o demitiu do periódico *Cidade do Rio*,
do qual era o Diretor.
O autor de *Missal e Broquéis* foi trabalhar
como Arquivista da Estrada de Ferro Central.
Viu-se perseguido por um chefe energúmeno.
O Grande Assinalado debatia-se
no conflito com as hordas brutas:

era um lótus que brilhava em meio ao estrume.
Imprecou contra as mentiras da sociedade hipócrita.
Sorriu a céus e mundos,
no altar violeta do sofrimento.
Viu, nos astros, almas claras.
Os nevados lírios do silêncio foram seus lenitivos.
O vasto mar de luz, seu jardim de nardos.
Com Nestor Victor,
atento à Voz das infinitas vibrações,
cantou, em uníssono,
o dolente alvoroço dos dias.
Depois que Gavita, a Vênus Núbia,
mãe de crianças famintas,
enlouqueceu de desespero,
o Cisne Negro sucumbiu aos mortais horrores.
A dor, companheira fiel, o coroava de espinhos,
enquanto ele, pária alçado ao pedestal
dos apóstolos do Cristo,
escrevia um poema sideral,
da brancura da pérola.

RABINDRANATH TAGORE,
POETA BRÂMANE

Nos nevados Himalaias,
com seu ilustre pai,
o menino *pândita* deu esmolas
e recebeu oferendas santificadas.
Levado por mar à distante Londres,
sonhava com a ribeira
do risonho e ligeiro rio Jumna.
Numa tarde de triste melancolia,
despediu-se de sua esposa Mrinalini Devi.
A partir de então,
os fardos deixou nas mãos
Daquele que tudo pode transportar.
Num dia de temporal,
na escola de Shantiniketan,
ouviu os suspiros da chuva
e a comparou com o derramar-se da própria vida.
Em comunhão com o encantamento,
que se irradia de todos os seres,
inebriou-se de alegria:

teve o regozijo de ser um perdido,
que se reencontra na manhã da oferenda.
Pedia um derradeiro dia, antes de partir,
para levar lâmpadas e flores ao Mestre,
e coroá-lo de guirlandas,
à luz calada das estrelas.

VINCENT VAN GOGH

O pintor das paisagens amarelas,
qual cordeiro de Deus, foi imolado
pelo punhal dos nervos e as sequelas
das angústias do empenho exacerbado.

Como ninguém comprava as suas telas,
pelo irmão Théo ele era sustentado.
Vincent van Gogh, que estranhas aquarelas
pintou com santo afã, alucinado.

No martírio da arte – atroz efeito –
mutilou a orelha, em gesto insano.
O hospício foi seu habitat mundano.

Depois, o artista segurou o cano
de um revólver e disparou no peito.
E o destino arruinado estava feito.

GANDHI,

O ASCETA REVOLUCIONÁRIO

Defender, obstinadamente, os direitos dos indianos,
decidiu, ainda jovem,
o drávida Mohandas Karamchand Gandhi,
quando viajava ao Transvaal,
e um policial o jogou para fora do trem.
Apanhou da polícia e foi preso, por dois meses,
porque mandou seus compatriotas
recusarem o registro de cidadãos,
pelo qual os britânicos os expulsariam da África do Sul.
Marchou a pé, com os grevistas das minas de carvão,
e o detiveram novamente.
Quando voltou à Índia,
instigou os lavradores de índigo do Champaran
à desobediência civil,
porque os ingleses lhes exigiam dinheiro
para compensar o declínio do mercado.
Fundou o Satyagraha Ashram, para admitir os intocáveis
e desafiar o preconceito das castas.
Queimou, publicamente, tecidos de Manchester e Leeds,

depois que, em Amritsar, o general Dyer
mandou o pelotão disparar contra a multidão.
Dois anos de cadeia cumpriu, e logo saiu em marcha,
com duzentos discípulos, até Portland,
onde produziu sal, ilegalmente.
Vestido com sua tanga artesanal, foi ao Congresso
e exigiu do Vice-Rei Irwin
a devolução de propriedades confiscadas
e a anistia a cinquenta mil presos.
Mais dois anos cumpriu na prisão de Aga Khan.
Sua esposa Kasturba não sobreviveu ao martírio.
Depois da independência da Índia, aos 79 anos,
anêmico e malnutrido,
com a experiência de mais de seis anos em cárceres,
Gandhi pediu que as turbas hindus desocupassem as
[mesquitas
e propôs a Ali Jinnah o cargo de Primeiro-Ministro.
O adversário preferiu que recrudescesse a guerra.
A disputa por Caxemira envenenou os ânimos.

Em Calcutá, quase um milhão de mortos se contavam na
[carnificina.

Ia a um *meeting* de oração, no gramado de Birla House,
numa tarde de inverno,
quando um hindu fanático o matou com três tiros.

RAMANA MAHARSHI,
O SANTO SÁBIO DE ARUNACHALA

O jovem Venkatamaran, de Tamil Nadu,
adorava os santos e queria tomar votos de *sanyasi*.
Aos quinze anos, depois da morte do pai,
tornou-se um asceta
e se refugiou-se numa gruta de Tiruvannamalai,
na sagrada colina de Shiva.
Um poder misterioso emanava de sua serenidade.
Cozinhava para os *sadhus*,
no *ashram* de Arunachala
e lhes falava do prazer de respirar.
Os andarilhos aprendiam com Ramana Maharshi
a ciência de transcender a dualidade
e perceber o Ser, éter puro,
brilhando entre as sombras efêmeras:
Pergunta-te a ti mesmo: Quem sou?
E encontra, no íntimo,
O Brahman, a Presença que está em tudo.
Não é uma maravilha
saber que somos infinitos e eternos?

Quando chegou o dia de sua viagem
ao portal da imaterialidade,
garantiu que não viajaria a nenhuma parte.
Pertencia eternamente ao seu lugar.

AUGUSTO DOS ANJOS,
O SUBLIME PESSIMISTA

O primeiro sabor da amargura
veio a Augusto dos Anjos aos 16 anos,
com a trágica paixão juvenil
pela moça do Engenho Pau D'Arco,
que pereceu sob os açoites
que Sinhá Mocinha mandou dar.
O rapaz franzino e pálido, de gestos humildes,
cresceu, atormentado pelo morcego da consciência
e pelos urubus da fatalidade.
Sob o velho tamarindeiro,
chorou, quando o pai subiu às flóreas estrelas.
Gastou o tônus nervoso
nas noites metafísicas do Recife,
caminhando pela ponte Buarque de Macedo,
na ânsia de compreendera matéria original da vida.
Queria inverter a desagregação das células,
até gerar um cosmos novo.
À sombra triste da melancolia,
escutava a matilha interior dos instintos.

No desfibrar dos fios do desafio,
aceitar a derrota era começar a perder menos.
Assustado com a medonha percepção do perecível,
vivia numa permanente crise intensa:
a natureza parecia desconhecer a si mesma,
ao admitir a putrefação da substância da vida.
Augusto, o homem amantíssimo
e brincalhão com os íntimos,
lecionou Geografia, pertenceu à Associação de Pedagogos
e foi Diretor do Grupo Escolar de Leopoldina,
cidade em que, abatido por calafrios, faleceu,
com apenas trinta anos de vida.
Nos estertores da pneumonia,
balbuciou à fiel esposa Ester:
– Esta centelha não se apagará.

FRANZ KAFKA

Um pai, que o educou com grosseria,
fez de Franz Kafka um rapaz imaturo,
que abominava, com claustrofobia,
o trabalho na empresa de seguro.

Se, compulsivamente, ele escrevia,
exorcizava os fantasmas de escuro,
em que a vida, por vezes, parecia
um pesadelo de obsessivo muro.

Com Felice, noivou em dois momentos.
Com Milena e com Dora, os sofrimentos
da doença já o haviam prostrado.

No sanatório, em trágicos tormentos,
pediu a Max Brod que fosse queimado
seu fabuloso acervo inacabado.

FERNANDO PESSOA

NO ALTAR DA PALAVRA

Fernando Pessoa tinha 16 anos,
quando regressou de Durban a Lisboa.
Vinha com o malogrado fito de matricular-se
no Curso Superior de Letras.
Abandonou-se à solidão visionária.
Sob o luar da Graça ou de São Pedro de Alcântara,
forjou a utopia mística do Quinto Império.
Sá Carneiro matou-se, em Paris.
Mataram o Presidente Sidónio Pais
na Estação do Rossio.
À beira-mágoa, sob a chuva oblíqua,
restava a Pessoa
o desdobrar-se em máscaras.
Vigiado por um chefe de ideias estreitas,
fez-se Alberto Caieiro, cidadão de província,
panteísta, andarilho dos bosques de Sintra;
tornou-se Álvaro de Campos,
refugiado na metafísica do cotidiano;
transformou-se em Ricardo Reis,

horaciano, ante a mutação de tudo
e a precariedade das percepções.
Era um Fernando, entre pessoas,
a cismar no mar.
Nascera para exegeta de sua instabilidade.
Encheu a velha arca de manuscritos.
Irmão do assombro e do êxtase,
bebeu angústias na taça do poente.
Alma Atlântica, exilada nos campos,
pela virtude da palavra transfigurada,
desperto, tudo viu além:
incêndios no cataclismo da ânsia,
sensações nas tardes ermas.
Persona, a materialização do seu sonho.
Eleito pelo mal da desventura.
Cérebro da raça, no mais alto degrau da escada.

YOGANANDA, O ILUMINADO

Mukunda Lal Gosh
foi um peregrino das tardes venturosas.
Pensava em Deus constantemente,
na certeza de que sua mente submergiria
na ideia da infinitude divina.
Meditou com Lahiri Mahasaya,
diante das grandes extensões de água.
Só quando serviu, devotamente, a Sri Yukteswar Giri,
de coração oceânico,
que despertara o lótus de mil pétalas do cérebro,
é que se sagrou com o nome eterno
de Paramahansa Yogananda,
O criador da Self-Realization Fellowship
Ensinou Kriya Yoga,
a ciência de mudar os átomos de sonho.
Predicou, diante do oceano de silêncio:
Ó devoto, abstrai-te de todas as preocupações.
Entrega-te ao presente,
presenteando a ti mesmo a plenitude.

Sorveu, com a respiração, a fragrância da paz.
Em Nova York, uma noite, próximo ao Carnegie Hall,
um desequilibrado mental o ameaçou de morte.
Yogananda fitou-lhe os olhos em silêncio supraconsciente;
o agressor pediu-lhe perdão e saiu a correr.
Em 1952, aos 59 anos, nos Estados Unidos,
durante um banquete,
em que se encontravam presentes 240 pessoas,
o yogue pronunciou suas derradeiras palavras:
Eu sou um abençoado, meu corpo tocou este solo.
Deixou-se cair no chão e se retirou do mundo físico,
com um sorriso no rosto.

VIRGINIA WOOLF,
A DESESPERADA

Somente enquanto escrevia
é que Virginia Woolf
se libertava da obsessão autodestrutiva.
Depois da morte de qualquer ente querido,
nem a cátedra de literatura no Morley College,
nem a editora Hogarth Presse,
que Leonard, o marido, criou para ela, a reanimavam.
Ela carregou pela vida o trauma da orfandade precoce
e dos abusos sexuais do meio-irmão, Gerard.
Jogou-se do primeiro andar de um edifício,
abalada pela morte de o api, Lesleie,
que foi o seu ídolo no ritual da literatura.
A dependência do remédio Veronal,
e a clínica de Twickenham foram a consequência
da morte de seu irmão Thoby,
que liderava os saraus de Boomsbury.
As perdas fatais destroçavam-lhe os nervos.
Apaixonada pela amiga Vita,
ela viveu dias venturosos,

escrevendo Orlando, para celebrar os surtos da paixão.
As decepções reapareceram
com as mortes de Julian, o sobrinho,
e Roger Fry, o anjo fiel que a cortejava.
As bombas caíram em sua Londres como em seu cérebro.
Ela chorava a destruição de vidas, de jardins e torres,
desde Mayfair à Oxford Street.
No desespero da depressão, escrevia o livro *Entre Atos*,
quando encheu os bolsos de pedras e se afogou no rio Ouse.

ANTONIN ARTAUD

Um desafeto das seitas do mal.
Um dramaturgo que fez estropícios,
No palco e no cinema; um marginal
consumidor de ópio, entre outros vícios.

Um penitente, um pária nos hospícios,
sempre escrevendo, em convulsão mental.
Sofreu na vida todos os suplícios.
Eis Antonin Artaud – louco e genial.

Bebeu com os índios o peiote puro.
De São Patrício a bengala, na Irlanda,
brandiu contra a turbamulta nefanda.

O exaltado profeta do esconjuro
proclamou a verdade veneranda,
com a luz da lucidez no inferno escuro.

FEDERICO GARCÍA LORCA

Y SU RECUERDO

*Entre juncos y alamedas,
Federico divisaba los luceros verdes.
Soñaba con la luna de los peces.
Suspiraba por la risa umbría de los jazmines.
Se le veía por la calle de la Gracia,
madrugada de nardos,
esparciendo la diadema de su sonrisa de almizcle.
Todas las tardes
miraba el drama íntimo de los miedosos aljibes.
Meditaba junto al surtidor del jardín de arrayanes.
¡Quisiera ser el Walt Whitman español en Cádiz!
De pronto se marchitaron los geranios entristecidos.
Un silencio asombroso ennegreció
las ramas donde el ruiseñor del Darro.
Las patrullas atacaron el Albaicín,
aplastando amapolas
al relampaguear de las espingardas.
Desde la Huerta de San Vicente
a la casa de los Rosales*

se cerraron los balcones, de miedo.

La fuente de las lágrimas

vertió sangre de oscura penumbra.

*La madrugada era un torrente de ahogados
en la Sierra de Alfaguara.*

Eran cementerios los parajes agrestes de Alfacar.

Todo era abismo, locura y movediza arena.

El defensor de los gitanos

fue un Cristo en la Granada amortajada.

JOSÉ GABRIEL DA COSTA,
O SANTO DA AMAZÔNIA

Nasceu José Gabriel,
quando o sino da igreja de Nossa Senhora das Dores,
em Coração de Maria,
tocou as doze badaladas do meio-dia.
O menino prodígio falou aos seis meses
e aprendeu a ler sozinho.
Nunca se enraiveceu.
Em cavalos ariscos, montava com habilidade.
Dava saltos para frente e para trás.
No parto de Joana, mulher de seu irmão,
a criança estava atravessada.
Gabriel deu a volta na casa e entrou às pressas pela porta lateral.
Foi ao quarto, mandou que todos saíssem,
trancou e destrancou a porta,
e mandou entrar as parteiras.
A criança nasceu, saudável.
Em Salvador, com a flexibilidade exercitada na capoeira,
Mestre Gabriel defendeu-se de um soldado
que tentou agredi-lo com um punhal.
Seguidor fiel de Jesus, passou por diversas religiões,

procurando auxiliar a humanidade.
Seringueiro na Amazônia, adotou o nome de Sultão das Matas,
para orientar as pessoas mediante o jogo de búzios.
Certa vez, fez falar um mudo,
que havia três meses não conseguia articular as palavras.
Se tivesse um violino, doutrinaria pela música.
Amansou, com uma palmatória,
um valentão que, armado de faca,
quis desmoralizar o seu trabalho espiritual.
Em plena floresta amazônica,
mediante uma técnica de iridologia,
escolheu os doadores de sangue para Getúlio,
seu filho de doze anos,
que fraturara duas costelas e necessitava uma transfusão.
Cortou em forma de cruz,
queimou e ferveu o pelo de um rato para curar,
com aquele insólito princípio ativo,
o câncer que seu filho Carmiro teve no céu da boca, quando
[criança.
Recebeu o chá, das mãos de Chico Lourenço, um caboclo-xamã,

a quem ele ensinou a responsabilidade espiritual
do rito de ingestão do Vegetal,
chá misterioso, preparado com o Mariri e a Chacrona,
que ele provou ser benéfico à saúde humana.

Encontrara o tesouro que dizia estar buscando.
O veículo espiritual para ampliar o grau de memória de cada
[pessoa.

Recordou-se de seus destacamentos
Rei Inca, Mestre Caiano e Mestre Iagora,
nas sucessivas encarnações em que ele veio trabalhando
“para tirar o povo dos atropalhos”.
Com tijolos e pedaços de lenha, usados como assentos,
Mestre Gabriel fez o primeiro templo
do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal,
no seringal Sunta, na margem boliviana do rio Abunã.
Falou do autoconhecimento
e do uso das palavras no sentido positivo.
Ensinou, com o exemplo de sua vida,
a importância do cumprimento da palavra,
da prática fiel do bem, da constância nos deveres

e do amor ao próximo como a si mesmo.

Mudou-se para Porto Velho para difundir, pelo Brasil e pelo [mundo, a doutrina que esclarece os mistérios da imortalidade do espírito e nos incentiva no esforço necessário para a evolução espiritual, ao longo das encarnações.

Ele sabia, antes de ler, o conteúdo dos livros que lhe levavam para que respondesse o que ali estava escrito. Fixou no Sol o olhar por alguns minutos e curou um rapaz que caíra de um prédio e fora internado, com hemorragia, desenganado.

Preparou o chá das duas plantas, usando água de vegetais da floresta.

Na força do chá Hoasca, às 22 horas, tirou o relógio de pulso, deu-o a Pequenina, sua esposa, e disse:

“se em cinco minutos eu não voltar, chame por mim”.

E voltou, trazendo a Chamada da Confirmação da União do [Vegetal no Astral Superior.

Recebeu, naquele dia, a Coroa do Conhecimento Espiritual.

A ocasião em que um delegado o prendeu,
suscitou a oportunidade para que ele reafirmasse sua convicção
em que só combateremos o mal com Luz, Paz e Amor.
– Daqui, do Norte do Brasil,
a União circulará o mundo, quem viver verá –,
disse, em Manaus,
quando regressava do tratamento de saúde no Ceará.
Os discípulos, uniformizados,
o receberam ao som de uma banda de música,
quando ele voltou a Porto Velho.
Daquele 27 de março de 1971 em diante,
data da sessão de sua Ressurreição, viveria para os discípulos.
Com o objetivo de instalar no mundo a paz e a fraternidade,
formou mestres que o sucederam na direção da UDV,
no caminho da consciência,
pelo qual aprenderemos tudo quanto precisamos
para viver a retidão divina em sua plenitude.
Quando partiu do Planeta,
o Grande Mestre tinha plena consciência
de estar regressando ao Reino da Glória.

JORGE LUIS BORGES,
VISIONÁRIO DO TEMPO

Borges adorou as estrelas, nas ruas taciturnas,
e escreveu baladas metafísicas.

Seus versos vinham das lâmpadas estudiosas
e do tango dos prostíbulos.

Os pais o levaram

dos canaviais do riacho Maldonado

às simetrias de Genebra,

para engendrará-lo no jogo arriscado da vida.

A formação que recebeu foi a esperança

no que os deuses prometem.

Uma certa Elza, a Biblioteca Miguel Cané

e as mortes do escritor Macedonio Fernández e do próprio pai
derramaram cintilações no labirinto circular.

Após uma vertigem,

o autor de *História Universal da Infâmia*

feriu a cabeça numa queda de escada, no Natal de 1938.

Depois da operação, da posterior septicemia

e da perspectiva do outro lado do ocaso,

meditou sobre o que a alma arde por entender.

Transformou sentimentos em luas cifradas.
Nas bibliotecas, em que veredas se bifurcam,
universalizou-se,
com improvisações de memória instantânea.
Aconselhado por um oftalmologista,
Borges lia com muita luz,
para conservar a pouca visão que tinha.
Na solidão das tardes, via ainda
o reflexo ilusório do orbe nos espelhos.
Era-lhe absolutamente necessário
marcar a intensidade do tempo,
urdindo estrofes de apolínea grandeza.
Com Bioy Casares,
celebrou, nos arredores do bairro Recoleta,
a constelação dos artistas da palavra.
Um dia, aos 76 anos,
Despertou e quis contar um sonho à sua mãe,
dando-se conta de que ela falecera, havia cinco anos.
Borges fixou heroicos e fatais destinos na fantasia criadora.

Acostumou-se aos instantes de cinza e ruína,
depois de uma viagem num trem crepuscular,
a Mar del Plata, em que perdeu a visão, lendo.
Caía na clepsidra o silencioso rio de Heráclito.
Desapareceriam os mitos
e as máscaras que reinventam a vida.
Jogral cego, iluminando o mundo,
viu o rumor das multidões
distanciando-se na manhã da eternidade.
Os dois tempos
se uniriam na roda infinita dos mundos.
Aos 80 anos, pedia aos astros que lhe dessem
un año más para concluir unos cuentos fantásticos,
una traducción, con María Kodama, de Angelus Silesius,
escribir algunos poemas y conocer,
físicamente, la China y la India.

VINICIUS DE MORAES,
A EUFORIA AMOROSA DE

Vinicius de Moraes nasceu numa família de artistas,
predestinado a ser um ídolo.

O namorado das meninas da Ilha do Governador
foi estudar em Oxford, e se casou com Beatriz,
para vencer a angústia de estar sozinho,
diante da irremediável torre e da neve nas brancas trevas.
Transferira a busca do Absoluto para o culto da mulher.
Era, desde sempre, o poeta da paixão e o cantor da fraternidade.
Pagava as despesas, nos encontros com os amigos,
e os enaltecia em versos humanistas.

A mesma generosidade teve com as mulheres,
às quais dedicou poemas apaixonados.
Foi viver com Regina,
mas não tardou a conhecer Lila e com ela viajou a Paris.
Íntimo da noite, absorto nas mesas dos bares,
escreveu, freneticamente, venerações à lua.

Com sensibilidade exacerbada,
exorcizou a tristeza com o seu enlevo:
viveu a utopia do amor como um tempo eterno e efêmero,

um mergulho emocional,
em que sentia a inocência misteriosa da infância,
acalentado por uma graça indizível.
Enquanto fazia, com Tom Jobim, as *Canções do Amor Demais*,
escrevia primorosos sonetos de amor.
Cantou em boates com Dorival Caymmi e o Quarteto em Cy.
Gravou, em Portugal, um disco com Amália Rodrigues.
E recitou na Universidade do Porto.
Fosse a vida um eterno encantamento,
ele se deixaria conduzir, ébrio de êxtase,
num transbordamento de ternura.
Apaixonou-se, sucessivamente,
por Maria Lúcia, Nelita, Cristina e Marta.
Delas se despediu, banhado em lágrimas:
a cada amor, uma alvorada; a cada separação, o desespero.
Diversificou a plêiade dos parceiros:
Carlos Lyra, Baden Powell, Francis Hime, Edu Lobo,
com os quais fixou os seus ditames:
não há salvação fora da paixão,

porque a vida só se dá pra quem se deu.

Em 1968, foi demitido, sem justa causa, da carreira diplomática.

Trocava o dia pela noite.

Viveu, com Gesse, na mansão de Itapuã, em frente ao mar,
junto aos orixás do candomblé.

Era filho de Oxalá; por isso carregava em si o sofrimento do mundo.

Viajou com Toquinho, fazendo shows no Chile,
na Argentina, no Uruguai e na Itália.

Visitou Ungaretti e gravou dois discos em Milão.

Tinha urgência de viver em permanente euforia amorosa,
alegando o mundo com sua emoção musical.

Um redemoinho de sentimentos o inquietava.

Não queria perder nada na vida.

Desde os 62 anos, passou a internar-se, periodicamente,
na Clínica de São Vicente, para se desintoxicar.

Quisera nunca interromper a festa de viver,
hedonisticamente,

aquele gosto pela vida intensa,

que era uma espécie de rebeldia obsessiva de paixão e poesia.

Porque o apaixonado não tem medo de sofrer.
E ele tinha a certeza de que o caminho do poeta
é um mergulho no entusiasmo
de uma luz magnífica e desconcertante.
Acometido de complicações hepáticas,
continuou percorrendo outros países,
em seu itinerário de menestrel,
na companhia de Gilda, sua nona e última musa.
Desfrutou, até o último minuto,
o deleite da ebriedade e das melodias benevolentes.
Preparou-se, com terrível melancolia,
para aquele momento crucial.
O poeta desencarnou, aos sessenta e seis anos,
dentro da banheira que lhe servia de escritório.
Tornou-se mundialmente famoso,
entre os poetas adoradores da beleza feminina.

MADRE TERESA,
MISSIONÁRIA DA CARIDADE

De Skopie a Dublin,
uma obstinação indômita,
generosa como o esplendor da natureza,
a impulsou a consagrar-se à vida dos pobres.
Insistiu com os clérigos superiores
para que a deixassem sair da clausura,
para viver como uma indiana,
tendo apenas o que têm os indigentes.
Auxiliou os desvalidos
Naquela Índia de opulência e de inanição.
Ofereceu-se para trabalhar como aeromoça
num voo da Air India,
em troca da passagem aérea
que lhe possibilitaria viajar
ao país onde carregaria nos ombros
as dores do mundo.
A mulher de rosto vincado pela vida austera
aprendeu, em Patna, a fazer partos,
engessar ossos quebrados e dar injeções.

Nas favelas de Motijhil,
debaixo de uma árvore, reuniu quarenta alunos.
A duras penas, resistiu à tentação
de regressar aos palacetes de Loreto.
Bebeu a água poluída dos reservatórios públicos.
No hospital Shishu Bhavan,
limpou as feridas dos doentes
e acolheu os que andavam à deriva.
Queria transformar o inferno em paraíso.

JÁDER DE CARVALHO,
POETA REVOLUCIONÁRIO

Criança ainda, Jáder habituou-se
a dividir o pão com os necessitados.
Sofria, na própria carne, a dor dos outros.
Pescador de tarrafa, tirador de leite e aprendiz de tipógrafo,
aos 14 anos, trocou a sombra dos verdes juazeiros
pelas salas do Liceu do Ceará.
Diante das jangadas e do Farol do Mucuripe,
escreveu os primeiros versos.
Nas vozes de ferro de Fortaleza,
escutava o aboio dos tangerinos
e o chocalho das reses distantes.
A vida difícil o fez desafiar ditadores
e enfrentar ameaças de pistoleiros e lutas corpo a corpo.
Proferia uma palestra na Liga Operária,
quando duzentos soldados integralistas
entraram no recinto, abrindo fogo.
O cabo Frota disparou oito vezes,
em direção à testa do palestrante.
Um dos tiros acertou Jáder, na cabeça, de raspão.

Ao vê-lo ensanguentado, o capitão Carvalhedo
perguntou-lhe o que havia.

Jáder desmascarou o algoz:

– *Seu cachorro, você manda me matar e pergunta o que há?
Você não é homem para vestir a farda que Caxias vestiu!*

Os esbirros da ditadura de Getúlio Vargas o submeteram à tortura,
com lâmpada de 500 velas sobre a cabeça.

Passou dois anos no cárcere.

Fundou o *Diário do Povo*, para criticar o governador,
que só deixava a cadeira giratória
para afundar no assento de um carro oficial.

Denunciava também um pérfido delegado,
que enforcava os presos na calada da noite.

Deplorava a miséria,

provocada pelo êxodo rural

e as agruras do trabalho insalubre e mal remunerado.

Diluía, em humanismo generoso, o estilo crítico e irônico,
numa afetividade que prezava os amigos e elogiava os bons.

Voltou ao sertão e percorreu os cafezais da Serra de Baturité,

os canaviais do Cariri
e os desertos de mandacaru dos Inhamuns.
Era o menino dos tabuleiros de Quixadá,
contemplando a estrada branca dos rios, ao clarão da lua.
Era o cantor dos riachos mansos,
do tropel dos cavalos dos corajosos sertanejos e da mulher,
que o fazia trocar a clava de bárbaro pela lira do menestrel.
Escreveu *Delírios da Solidão*,
quando perdeu sua valorosa esposa,
a contista Dona Margarida Saboia de Carvalho.
Companheira de ânimo imbatível, que enfrentou, corajosamente,
os tempos em que ele fora preso e torturado
e os terríveis momentos das mortes prematuras de três filhos.
Jáder tinha o céu espelhado nas lagoas da alma.
Irradiava esperança na força dos seus sonhos.

MIGUEL HERNÁNDEZ,
REO DE MUERTE

Desde los pastos de Orihuela
hacia la tormenta de las trincheras,
entre cajas llenas de muertos estuvo.
Soldado en primera línea de fuego,
arrastró a los compañeros ensangrentados
y se comió pan mojado en sangre.
Cercado de balas,
recitaba poemas con altavoces.
Se agotaba en el frente,
en los nevados sufriendo el frío,
mientras los intelectuales bailaban
en el palacio de los marqueses.
Perseguido en todas partes,
hambriento, en la puerta de Portugal,
vende el reloj que le había regalado Vicente Aleixandre.
Desde Rosal de la Frontera,
los salazaristas a la Benemérita lo entregan.
Apaleado hasta orinar sangre;
desde entonces, de cárcel en cárcel,

*fue galardonado con palizas.
Rodeado de candiles de agonía,
el hierro infernal en su costado,
dardos de pena sofocaban su aliento.
Sin blanca para acudir a un sanatorio,
después de sacar pus de los pulmones,
ratas, piojos y pulgas fueron sus valedores.
La hemorragia, la neumonía,
la tuberculosis y las fiebres tifoideas
fueron su palma de martirio.
No era necesario fusilarlo.
Bastaba con entregarlo a los carniceros.
Miguel Hernández exhala el último suspiro:
cardo de luz, labranza de fatalidad.*

Esta obra foi impressa em março 2019
Fonte Miolo: Arno Pro
Papel Miolo: Pólen 90 g/m²
Papel Capa: Cartão 250 g/m²